

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SHARLES CRUZ

DA BATALHA ESPIRITUAL À FÉ REFORMADA COMO PRÁTICAS
TERAPÊUTICAS

São Leopoldo

2011

SHARLES CRUZ

DA BATALHA ESPIRITUAL À FÉ REFORMADA COMO PRÁTICAS
TERAPÊUTICAS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

Segundo Avaliador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C957d Cruz, Sharles

Da batalha espiritual à fé reformada como práticas terapêuticas / Sharles Cruz ; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
77 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Guerra espiritual. 2. Psicanálise e religião. 3. Vida cristã. 4. Teologia dogmática – Igreja reformada. 5. Liturgia – Psicologia. 6. Comunidades terapêuticas. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SHARLES CRUZ

DA BATALHA ESPIRITUAL À FÉ REFORMADA COMO PRÁTICAS
TERAPÊUTICAS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Data:

Karin Hellen Kepler Wondracek- Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

Oneide Bobsin - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Ana Paula Cruz, minha querida esposa e a meus filhos Gustavo e Marcela Cruz pela paciência e companheirismo. Obrigado também a minha professora e orientadora Karin Wondracek, que foi instrumento de Deus para me ajudar, sua ajuda foi fundamental para que fosse concluído este trabalho. Obrigado e que Deus continue te abençoando grandemente.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais e
a minha irmã, Vanessa Cruz.*

RESUMO

A investigação pontua o movimento da batalha espiritual, seu início, precursores, práticas, e teologia. Também o contexto social, cultural e religioso, análise das interfaces do contexto religioso-espiritual e psíquico. O trabalho faz menção à visão de Sigmund Freud, Oscar Pfister e Karin Wondracek quanto à religião e psicanálise. O aspecto social do fenômeno religioso e a fenomenologia da Batalha Espiritual também ganha abordagem fundamental. A investigação pontua a contribuição que a fé reformada traz através da interpretação dogmática, do processo terapêutico que a igreja oferece através da liturgia e dogmática bíblica para seus seguidores. Na dogmática cristã, aborda-se a eleição, o arrependimento, a fé, a justificação, a regeneração, a adoção, a santificação e a certeza. Vendo a igreja no seu papel educacional, podendo educar através da liturgia como também a tendo como processo de cura d'almas. Enfim, a proposta da igreja como comunidade terapêutica, pode contribuir para o bem estar das pessoas e sociedade.

Palavras-chave: Batalha Espiritual. Fenômeno Religioso. Fé Reformada. Liturgia. Comunidade Terapêutica.

ABSTRACT

The investigation of the spiritual warfare movement, its beginning, early precursors, practices, and theology. Also the social, cultural and religious context, analysis of the interfaces of the religious, spiritual and psychical context. It was worked mentions of Sigmund Freud, Oscar Pfister and Karin Wondracek as religion and psychoanalysis. The social aspect of religious phenomena and phenomenology of Spiritual Warfare also gain fundamental approach. The research points out the contribution that the reformed faith brings through the dogmatic interpretation, of the therapeutic process through which the church offers liturgy and dogmatic biblical for his followers. In Christian dogmatic is discussed regarding the election, repentance, faith, justification, regeneration, adoption, sanctification and assurance. Seeing the church in its educational role, being able to educate through the liturgy as well as being part of the process of the soul cure. Finally the proposal of the church as a therapeutic community may contribute to the well being of individuals and society.

Keywords: Spiritual Warfare. Religious Phenomenon. Reformed Faith. Liturgy. Therapeutic Community

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O FENÔMENO BATALHA ESPIRITUAL: CONTEXTOS E INTERFACES.....	11
1.1 Batalha Espiritual: aspectos históricos.....	18
1.2 Contexto social, cultural e religioso da Batalha Espiritual.....	23
1.3 Aspectos psicológicos e psicanalíticos	33
1.4 Interfaces do contexto religioso-espiritual	35
1.5 Sociologia do fenômeno religioso	36
2 DOGMÁTICA BÍBLICA: UMA PROPOSTA TERAPÊUTICA	40
2.1 Eleição	42
2.2 Arrependimento	43
2.3 Fé.....	44
2.4 Justificação	44
2.5 Regeneração	44
2.6 Adoção.....	45
2.7 Santificação	45
2.8 Certeza	46
2.9 O poder do sangue de Jesus Cristo.....	46
2.10 Nascendo da água e do Espírito.....	47
2.11 Proposta de nova vida em cristo.....	49
2.12 Aplicação dos princípios cristãos no aconselhamento.....	51
2.13 Na justificação pelo sangue	53
2.14 Esquecendo o pecado	56
3 A LITURGIA NO PROCESSO DOGMÁTICO.....	59
3.1 A liturgia no processo de cura d'almas	62
3.2 Igreja como comunidade terapêutica	68
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

Na busca por respostas para clarear as dúvidas quanto à batalha espiritual e trazer soluções para o aconselhamento pastoral, deve-se refletir no que diz o apóstolo Paulo: “fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns” (1Co 9.22). Na tentativa de “salvar alguns”, o entendimento sociológico e psicológico da religião contribuirá para achar meios precisos e eficazes na cura dos problemas da alma e ajustamentos entre as relações daqueles que buscam o aconselhamento. Uma vez que o conselheiro entende melhor as crenças, os pontos de vista da fé em suas diversas vertentes, seus mitos e suas divergências, os problemas destas pessoas tornam-se mais acessíveis. Tornando-os acessíveis, acredita-se que o acompanhamento terá uma dinâmica maior e mais precisa, visto que o conselheiro saberá com mais precisão onde está o foco do problema. Tendo diagnosticado o foco, ele, com sabedoria e sensibilidade, terá mais chances de acertos em seus conselhos para melhor ajudar as pessoas soas.

Diante de algumas dificuldades contemporâneas, vividas por ministros evangélicos conselheiros, surge a necessidade de escrever sobre a batalha espiritual no aconselhamento pastoral. Devido a alguns mitos criados pelo movimento neopentecostal, o acompanhamento em alguns casos no aconselhamento pastoral torna-se dificultoso. Na tentativa de era respeito da contribuição ou não do movimento da batalha espiritual na igreja e na sociedade, faz-se necessária esta pesquisa.

Existem situações em que as causas são diagnosticadas pelos conselheiros como algo psicológico ou de relacionamento, mas nem sempre compreendido pelas pessoas que estão sendo aconselhadas. Isso devido ao que têm em mente quanto aos mitos criados no decorrer dos tempos. Em alguns casos, a batalha espiritual parecer ser um mito criado pelas pessoas, invenções espirituais e fantasias para suprir alguma carência emocional. É necessário pesquisar o âmbito da batalha espiritual, de alguns pregadores do neopentecostalismo, de forma a cruzar as informações com outras visões sobre o assunto no âmbito da teologia e da psicanálise.

A interdisciplinaridade contribui para o entendimento e equilíbrio. Nota-se que em alguns casos as formulações são tendenciosas. Porém, quando se dispõe o equilíbrio e sensatez, a pesquisa se torna útil e madura. Por isso, recorrendo a Rubem Alves, Augustus Nicodemus, Sigmund Freud, Oscar Pfister e Eugen Drewermann, assim como aos escritos do movimento da batalha espiritual, é possível tomar rumos interessantíssimos. O objetivo foi realizar uma pesquisa clara para obter um equilíbrio entre a teologia e psicanálise para o aconselhamento pastoral em meio à batalha espiritual, algo que é de extrema utilidade e necessidade nestes tempos atuais.

1 O FENÔMENO BATALHA ESPIRITUAL: CONTEXTOS E INTERFACES

A batalha espiritual é um assunto bastante difundido no meio evangélico e principalmente no movimento neopentecostal.

Acredita-se que este movimento tenha dado início nos anos de 1930, quando o missionário inglês James O. Fraser, enviado para o interior da China, começa a encontrar dificuldades em libertar as pessoas que frequentavam sua igreja. O povo chinês com quem Fraser trabalhava pertencia ao grupo tribal Lisu, envolvido com magia negra, espiritismo e animismo. Frase começou a usar a estratégia na base da “tentativa e erro”. Mais tarde, os feitos de Fraser começam a ficar conhecidos por publicação de sua biografia.¹ No decorrer das décadas, começam a aparecer vários outros líderes do movimento, dentre os quais C. Peter Wagner, teólogo americano diretor de Escola de Missões Mundiais do Seminário de Fuller, nos Estados Unidos. Seus livros fazem sucesso em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Também o escritor romantista Frank Perretti teve grande contribuição para o crescimento do movimento de batalha espiritual no Brasil e no mundo. Perretti é autor de dois romances, um intitulado *Este Mundo Tenebroso*, que alcançou mais de 1,5 milhão de cópias vendidas. Muitos cristãos e líderes evangélicos, inclusive Peter Wagner consideram os livros de Perretti uma revelação divina para a igreja contemporânea.² Outra escritora que também surge neste cenário é a americana Rebecca Brown, que foi médica em Indiana, Estados Unidos. Ela escreveu alguns livros que fizeram muito sucesso no Brasil, sobretudo *Ele veio para libertar os cativos*³ e *Prepare-se para a Guerra*.⁴ Marilyn Hickey é outra autora que propagou este movimento dentro da Associação dos Homens de Negócios do Evangelho Pleno (ADHONEP), através do seu livro *Quebre a Cadeia da Maldição Hereditária*.⁵ Há brasileiros que também são referência nacional neste assunto, dentre eles Neuza Itioka, Teóloga, Licenciada em Pedagogia pela USP e doutora em Missiologia pelo Fuller Theological Seminary. Seu projeto de pesquisa resultou em um de seus livros, *Os deuses da umbanda, o baixo espiritismo: implicações*

¹ LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 29.

² LOPES, 2006, p. 32.

³ BROWN, Rebecca. *Ele veio para libertar os cativos*. Belo Horizonte: WW, 1996.

⁴ BROWN, Rebecca. *Prepare-se para a Guerra*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1998.

⁵ HICKEY, Marilyn. *Quebre a cadeia da maldição hereditária*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1993.

teológicas e pastorais,⁶ outro livro é *A igreja e a batalha espiritual: você está em guerra!*⁷ Itioka viaja por todo o Brasil fazendo seminários sobre esta temática e tem sido uma das grandes influenciadoras nacionais. Outro escritor aclamado pelos adeptos do movimento da batalha espiritual é Daniel Mastral, autor do best seller *Filho do Fogo: O Descortinar da Alta Magia* (vol. I e II), e de *Guerreiros da Luz: Treinamento* (Vol. I e II) e *Voz do que Clama no Deserto: A Conquista* (vol. I e II),⁸ além de vários outros.

Estes são os principais escritores aclamados pelo movimento. São, além de escritores, palestrantes que, na prática da oração, costumam praticar também o exorcismo em suas palestras. O trabalho de conscientização destes escritores está voltado para o medo. Em suas dissertações sempre estão citando o diabo, o inferno, a maldição, as doenças e o ocultismo. Embora seja óbvio que estes deveriam ser os assuntos da batalha espiritual, os escritores sempre se baseiam na exploração emocional. Rebecca Brown inicia um de seus livros da seguinte forma: “Atenção! Satanás não quer que você leia este livro! O que o torna um dos livros mais difíceis que você já tentou ler”. Logo depois desta frase, ela passa uma oração em que o leitor deve fazer para iniciar a sua leitura: “pai celestial peço-te que protejas o nosso leitor dando-lhe entendimento exato de tudo o que nos direcionastes a dizer. Peço e agradeço no precioso nome de teu filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, Amém”.⁹ A autora afirma em seu livro que até o cristão possuidor do Espírito Santo de Deus pode ficar preso ou influenciado por demônios.

Devemos abordar de forma direta a questão de demônios habitando em cristãos. Eu sei que este é um tema de acaloradas discussões. Eu mesma costumava pensar que cristãos – crentes verdadeiros – não podiam ter um demônio habitando em si. Assim pensava até que Deus chamou-me para este ministério. Então eu tive que realmente consultar as Escrituras e buscar ao Senhor em oração com relação a esta questão.¹⁰

Esta argumentação não deixa escolha para ninguém. Uma vez que os cristãos acreditavam ser protegidos contra as armas demoníacas, ela infunde insegurança ao declarar que até mesmo os cristão não estão livres dos demônios. O

⁶ ITIOKA, Neuza. *Os deuses da umbanda o baixo espiritismo: implicações teológicas e pastorais*. São Paulo: ABU, 1988.

⁷ ITIOKA, Neuza. *A igreja e a batalha espiritual: você está em guerra!* São Paulo. Sepal, 1994.

⁸ Disponível em: <<http://www.danielmastral.com.br/livros.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

⁹ BROWN, 1996, p. 5.

¹⁰ BROWN, 1998, p. 139.

mais interessante disso é que o maior grupo de leitores é exatamente os cristãos e, precisamente, os evangélicos. Caso os cristãos já tivessem a proteção divina, eles não teriam o que temer e nem o que aprender sobre a batalha espiritual. Rebeca atribui dizendo que este assunto é inesgotável e sempre cheio de estratégias de guerra para vencer o inimigo de cada dia. Então fica no ar que, se é um assunto inesgotável, então há muita demanda comercial através dos livros escritos pelos gurus da batalha espiritual.

Neste mesmo livro, Brown ainda afirma: “eu não consigo conter o riso quando alguém piedosamente me diz: - Um cristão não pode ser habitado por um demônio porque ele é o templo do Espírito Santo e os dois não podem estar na mesma casa ao mesmo tempo”.¹¹ Estes e outros são os argumentos do medo. Não há segurança. Todos podem ser possuídos pelos demônios. Então, esta é a chave do negócio da batalha espiritual, uma forma de consolidar, fidelizando os seguidores. Deixar as pessoas com medo fará cada vez mais elas buscarem alívio em quem supostamente entende do assunto. A batalha espiritual trabalha teoricamente a libertação, dizendo possuir o conhecimento do oculto.

Os vampiros e os lobisomens são conhecidos como lendas há muitos e muitos anos. Muito já se escreveu acerca deles e foram o centro de inúmeros filmes e histórias. Infelizmente, quase todo mundo acredita que eles são criaturas “simuladas” da fantasia e que quase tudo o que é dito sobre eles é inexato. Espantem-se. Estas criaturas existem.¹²

Porém, o que parece ser apenas teórico, na prática, é semelhante a um tipo de manipulação da mente, envolvendo o medo do diabo e a necessidade de participar dos seminários de cura e libertação, como também a leitura dos livros do movimento. É um ciclo de medo que vai se perpetuando na vida das pessoas e passando de geração a geração. No entanto, Rebecca Brown não está sozinha neste pensamento de que as pessoas cristãs também são alvos dos demônios. De uma forma aparentemente diferente, nota-se que a brasileira Neuza Itioka pensa em algo parecido:

Afinal, o que está acontecendo? Desde quando os cristãos se tornaram vulneráveis à invasão dos espíritos? Há uma crença de que os cristãos são imunes aos ataques e opressões demoníacas. A realidade, porém, é bem outra. Aqui entra uma questão de terminologia e teologia. Por um lado,

¹¹ BROWN, 1998, p. 142.

¹² BROWN, 1996, p. 180.

devemos evitar a palavra “possessão” para não dar a impressão de que os demônios tomam posse da pessoa, com o sentido de se assenhorear da sua vida. Por outro lado, não devemos equacionar o lugar do Espírito Santo com o que os espíritos podem ocupar na vida dos cristãos. Cristo está no centro da vida do cristão, mas certas áreas da sua vida podem estar sob o domínio de espíritos.¹³

Neuza Itioka e outros escritores, como Marilyn Hickey, acreditam também nas maldições hereditárias presentes mesmo em pessoas cristãs. Desta forma, é mais uma demanda a ser resolvida para os leitores destes escritores e gurus da batalha espiritual. Marilyn Hickey cita a depressão como uma maldição que deve ser quebrada.¹⁴ Embora a depressão tenha uma explicação científica – psicológica e psiquiátrica – é natural que correntes evangélicas atribuam alguns casos à maldição ou endemoninhamento. Porém, existem muitas polêmicas quanto a esta posição. Afirmar categoricamente que seja uma maldição já é um grande obstáculo para a recuperação psicológica. Uma pessoa que enfrenta esta dificuldade não precisaria mais de consolo e acompanhamento do que acusações deste tipo? Vejamos o que comenta Marilyn Hickey:

Sabe você em que – em sua maior parte – consiste a depressão? Em tristeza mundana. Quando você está deprimido você está em pecado. Quando deprimidas, as pessoas querem ser mimadas: Oh, seja bonzinho para mim! Trate-me delicadamente, porque estou deprimido. Elas estão na realidade vivendo o “Ai de mim! Tenha Pena de mim!” Mas o Senhor não vai sentir simpatia por elas, porque depressão é descrença, e descrença é pecado! Muitas vezes a depressão é pecado não confessado. Você não o enfrentou pessoalmente; o que você pensa é que alguém o tratou erradamente. Mas a depressão é rendição ao pecado, e isso é maldição. Ela pode levá-lo a graves distúrbios psíquicos, inclusive à loucura. E pode ser transmitida de uma geração à seguinte.¹⁵

Este relato no livro de Marilyn Hickey demonstra um pouco das grandes dificuldades que se pode encontrar no aconselhamento pastoral. Despreparo e manipulação dos líderes que querem aparecer, ao contrário de Jesus que, ao praticar o exorcismo, não fazia questão de aparecer. E ele curou muitos doentes atacados de diversas moléstias e expulsou muitos demônios; mas não permitia que os demônios falassem, porque o conheciam (Mc 1.34). Estes são alguns desafios para quem trabalha sério e com o intuito de ajudar as pessoas. No entanto, a grande questão é que as pessoas envolvidas no movimento da batalha espiritual são

¹³ ITIOKA, 1993, p. 190.

¹⁴ HICKEY, 1993, p. 101.

¹⁵ HICKEY, 1993, p. 101.

manipuladas a ponto de se submeterem a tudo que é falado. Este é o grande desafio no aconselhamento pastoral. Quando são encontradas pessoas que estão abertas para se libertar, conscientes de que o movimento está lhes fazendo mal, é algo positivo. Porém, a maioria “apanha e gosta”. Sofre e talvez como se fosse um refúgio para não assumir as culpas, atribuem tudo para o demônio. Tudo é culpa dele.

Freud denomina de neurose demoníaca este conjunto de sentimentos em relação ao demônio.¹⁶ As neuroses demoníacas são projeções, elas são entidades mentais eliminadas para fora do interior humano. Esta neurose é advinda de desejos maus e repreensíveis que ficaram reprimidos. No texto de Sigmund Freud, com os comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud, é relatada e analisada a história de uma aparição do demônio a Christoph Haizmann, através da pintura de seu quadro e de sua história relatada pelos padres que o exorcizavam. Hipoteticamente, o demônio de Christoph Haizmann era um substituto direto de seu próprio pai. Em uma primeira análise, a figura do pai é relacionada com a imagem de Deus como pai. Posteriormente, a imagem pertencente do início da infância é preservada e se funde com as lembranças herdadas do pai em relação a Deus. A imagem paterna se entrelaçava com as sensações de afetividade e ódio ao mesmo tempo, isso porque a forma de ver Deus dependeria dos sentimentos do momento. O pai era o protótipo individual tanto de Deus quanto do demônio.¹⁷ Através desta análise, torna-se possível entender o motivo de as pessoas colocarem a culpa no demônio pelas atitudes malignas que têm. Assim, ela é projetada para ser repugnada.

No livro *Psicologia das massas e análise do ego*, Freud faz uma relação entre a igreja e o exército. Para ele, tanto a igreja quanto o exército são grupos artificiais, porque uma força externa é empregada para impedir a desagregação. Ele mostra que mesmo sendo diferentes ambos carregam algo comum, a hierarquia. O exército tem o comandante chefe maior e a igreja tem Cristo, que também possui uma imagem de chefe maior. Tanto a igreja quanto o exército trata a hierarquia com o discurso do amor, trabalhando a subjetividade a ponto de que o momento da quebra libidinal traz o pânico. A sensação de desamparo torna-se um grande terror,

¹⁶ FREUD, Anna. *Sigmund Freud com os comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 87.

¹⁷ FREUD, 1976, p. 102.

ou neurose demoníaca, no caso da religião. O grupo está inserido neste contexto como proteção ou para se sentir seguro. Caso haja quebra libidinal, como diz Freud, a sensação de ser rejeitado pelo grupo traz pânico. Isso é notado com mais clareza em grupos militares. Levando em conta que o movimento da batalha espiritual lidera com viés militar e utiliza expressões de batalhas, a semelhança entre estes dois casos são fortes e a tese de Freud aproxima das possibilidades libidinais e o fenômeno do pânico. Tanto um quanto o outro demonstra uma relação de poder. A visão paterna e a visão hierárquica transmitem o sentimento de proteção e, em alguns instantes, uma suposta impressão do desamparo pela quebra libidinal.

É relevante salientar que a religião defende dizendo que os prazeres são da carne e, por isso, são demoníacos. O ser humano na busca do prazer e da felicidade se culpa por isso. Os prazeres e sonhos fazem parte do cotidiano humano, conseqüentemente a culpa acompanha o ser humano tornando então sua neurose demoníaca. É condenável ter prazeres como sorrir, beber, ficar alegre, dançar, namorar, etc. A professora Karin Wondracek, em seu texto *Fenômenos sobrenaturais? Uma abordagem psicanalítica do demônio*, faz uma interpretação destes fenômenos em duas vertentes. A primeira, na visão de Sigmund Freud, quando diz que o demônio é uma representatividade dos sentimentos reprimidos em relação a aspectos negativos da relação paterna. Com isso, projeta suas frustrações e atribui os desejos maus a esta neurose. Já o pensamento de Oscar Pfister tem a psicanálise como subsídio para entender a angústia humana como revés ao amor. Pfister cita o versículo joanino como subsídio a este pensamento: “no amor não há medo antes o perfeito amor lança fora o medo; porque o medo envolve castigo; e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor” (1Jo 4.18).¹⁸ Analisando os dois pensamentos, é possível identificar semelhanças nas reações negativas no contexto religioso. Tanto as comunidades de pessoas reunidas para um bem comum em busca do sagrado e proteção contra o mal quanto o indivíduo relacionado com seus problemas os atribui a tentações externas. No entanto, estas tentações são internas projetadas na visão negativa do pai.

O ser humano precisa de limites para não ultrapassar os direitos dos outros. Não é em vão que a Bíblia está repleta de limites morais e políticos. Imaginemos se

¹⁸ Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4302_2003/et2003-2kwon.pdf>. Acesso em: 08 maio 2011.

naquele tempo não fossem delimitados os limites as pessoas morreriam e não restaria a espécie humana. Hoje, os limites precisam ser contextualizados e discutidos em aspectos culturais e ambientais. Caso isso não aconteça o mais rápido possível, será o fim da espécie humana. O pecado cega o ser humano. Esta é a razão pela qual a humanidade parece rodear um deserto. Em alguns momentos, parece que a religião é a cegueira da humanidade. Ela que se diz a portadora da salvação e da libertação é a primeira que oprime. Isso não está relacionado a Jesus e aos seus princípios. No entanto, a opressão e a perseguição por causa dos bens sagrados são motivo da cegueira que a religião carrega consigo.

Para Freud, o fenômeno religioso é comparado à neurose obsessiva, funcionando como uma religião íntima.¹⁹ Os cerimoniais religiosos parecem cheios de propósitos. Porém, são apenas aparências. Freud coloca o homem de fé e o homem neurótico parecidos no desejo da salvação e do livramento de suas angústias. Ambos têm a necessidade de se ocuparem com atitudes que possam lhes trazer alívio. Se não as fizer, pode lhes sobrevir alguma desgraça. Para ele, a religião é a neurose universal para fugir das neuroses pessoais. Tanto religiosos quanto neuróticos renunciam aos prazeres, sacrificando-se com alguma catarse. Já Rubem Alves diz que a religião é a memória de uma unidade perdida e a nostalgia por um futuro de reconciliação.²⁰ Ele conta que as mais antigas memórias de sua nostalgia religiosa conduziam-no aos dias de sua infância, mas não se tratava de um caso de vocação teológica precoce, mas sim de experiência precoce de medo.

As experiências relatadas do movimento da batalha espiritual e a forma de conduzir o movimento são peculiares ao que Freud entendia sobre a religião. Porém, é também importante salientar que o movimento trabalha o medo e a abstinência dos prazeres. No entanto, não é só o movimento da batalha espiritual que evita o prazer e pune para conseguir alívio da culpa do pecado. Outras religiões também praticam este tipo de remissão do pecado e busca do alívio da alma culpada. Como exemplo, podemos citar o caso da *Opus Dei* e outras ordens católicas que trabalham a mortificação corporal, praticada por vários movimentos católicos. A *Opus Dei* entende que os sacrifícios mentais ou físicos são bem vistos aos olhos de Deus. O religioso deve ou pode cingir-se em renunciar algum alimento pelo qual a pessoa

¹⁹ DAVID, Sérgio Nazar. *Freud & a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 36.

²⁰ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 1988. p. 9.

que se mortifica tenha preferência ou simplesmente por não comer ou beber água imediatamente quando se tem fome ou sede, por exemplo. Os sacrifícios são entendidos como tendo uma relação com a paixão e a cruz de Jesus Cristo e, portanto, como forma de Redenção. Eles são usados também como penitência: subir escadarias, acender velas, fazer diversas rezas, etc. Nota-se também em outras religiões o mesmo caráter na busca do alívio e remissão de culpas.

É nítido que seja um fenômeno digno de ser estudado na tentativa de compreender, haja vista quando se trata de conselheiros que no dia a dia encontram diversas dificuldades para o aconselhamento. Quando Friedrich Nietzsche diz que Deus morreu,²¹ a verdade era que o Deus que as pessoas daquela época tinham em mente tinha morrido. Vale a pena ser analisado qual Deus hoje precisa ser morto, se o Deus do povo, dos estudiosos ou dos conselheiros. Será que realmente algum Deus tem que morrer? O apóstolo Paulo diz: “fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns” (1Co 9.22). Entender alguns fenômenos religiosos pode tornar-se a mais desafiante e empolgante tarefa do conselheiro.

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado e pôs-se a gritar incessantemente: ‘procuro Deus! Procuro Deus?’ – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – Gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? [...] Não vagamos como que através de um nada infinito? [...] Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Nós o matamos.’²²

1.1 Batalha Espiritual: aspectos históricos

Lopes conta que Fraser trabalhava na missão fundada por Hudson Taylor (*Missão para o Interior da China*). Na tribo em que trabalhava, o povo tinha muitos

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 65.

²² NIETZSCHE, 2001, p. 64-65.

envolvimentos com ocultismo, magia negra e feitiçaria. Tudo começou quando Fraser fracassou em seu ministério nesta tribo. Na tentativa de descobrir qual a melhor forma de libertar as pessoas, começou a tentar de várias formas.

Aparentemente, as idéias principais da “batalha espiritual” eram conhecidas desde o início do século. Já nas três primeiras décadas, o missionário inglês James O. Fraser, trabalhando em meio ao povo tribal Lisu, na China, um povo envolvido com magia negra, espiritismo e animismo, utilizou estratégias como dar ordens em voz alta a Satanás e seus demônios para quebrar o domínio destes espíritos sobre os Lisu. Partindo de sua experiência no campo missionário Fraser desenvolveu, na base da “tentativa e erro”, alguns métodos de combater pela oração a influência dos espíritos malignos que atormentavam este povo tribal. O que convenceu Fraser de que estava no caminho certo foi que “funcionava”.²³

Fraser permaneceu no anonimato até que a esposa de Hudson (ou Howard?) Taylor, em 1956, resolveu publicar sua biografia. Daí em diante, seus feitos tornam-se públicos.

A China desde 1931 estava em guerra intermitente com o Japão. Em 1937 a guerra começa a ficar mais séria e terminando apenas em 1945. Em termos históricos, cabe destacar que, simultaneamente, na década de 1930, iniciou a Segunda Guerra Mundial, um conflito militar que ocorreu de 1939 a 1945. Foi a guerra mais abrangente da história, com mais de 100 milhões de militares mobilizados.

Pode-se fazer uma aproximação entre o contexto histórico e o surgimento do fenômeno da batalha espiritual: a guerra com seu cenário de opressão e sofrimentos econômicos reflete no imaginário das pessoas. Nota-se que Fraser viveu uma luta interna quando não consegue resolver os problemas espirituais das pessoas, em uma luta espiritual. Não é uma coincidência que o nome do movimento de Guerra Espiritual ou Batalha Espiritual seja fruto do medo e da busca pelo socorro. Pode-se dizer que há mais contágios: além da transmissão do linguajar para o plano espiritual, também a liberdade de usar qualquer recurso, mesmo que não fundamentado teologicamente, reflete o clima de guerra, quando vale tudo.

Do lado da congregação, também deve ter havido impactos oriundos do clima de guerra: as pessoas oprimidas pelo medo e terror ficam enfraquecidas

²³ LOPES, 2006, p. 29.

emocionalmente, tornando-se alvo fácil para manipulação emocional. Voltando a Freud:

No indivíduo o medo é provocado seja pela magnitude de um perigo, seja pela cessação dos laços emocionais (catexias libidinais); este último é o caso do medo neurótico ou ansiedade. Exatamente da mesma maneira, o pânico surge, seja devido a um aumento do perigo comum, seja ao desaparecimento dos laços emocionais que mantêm unido o grupo, e esse último caso é análogo ao da ansiedade neurótica.²⁴

Outro exemplo pode ser encontrado na obra de Frank Peretti, *Este Mundo Tenebroso*, que chegou a ser *best seller* nos Estados Unidos, traduzido para vários idiomas, inclusive para o português no Brasil.²⁵ Ele narra uma história fictícia bastante envolvente sobre o assunto da batalha espiritual. Começa contando um enredo assim:

Quando os dois vultos trajando roupas de trabalho surgiram na Rodovia 27, na periferia de Ashton, uma cidadezinha cuja vida revolvía em torno da sua faculdade, a noite enluarada de domingo ia chegando ao fim. Eram altos, no mínimo acima de dois metros, de compleição robusta, perfeitamente proporcionados. Um tinha cabelos escuros e possuía traços marcantes, o outro era loiro e poderoso. A pouco menos de um quilômetro de distância, olharam rumo à cidade, considerando a cacofonia de sons festivos vindos das lojas, das ruas e dos becos que ela abrigava. Puseram-se a caminhar.²⁶

Peretti foi um grande divulgador do movimento pelo mundo, inclusive no Brasil. Este livro foi lido por gerações de evangélicos pentecostais. Porém, de novo encontra-se o terror. O título do livro é bem sugestivo: *Este Mundo Tenebroso*. Em busca do alívio do medo do oculto, da morte e até mesmo da vida após a morte, é inevitável a busca por conforto, e a menção de algo oculto desperta insegurança e desamparo. Após provocar, isso oferece recursos para lidar com o tenebroso. Na busca por descobrir algo, quando o encontra a curiosidade e a necessidade em continuar procurando cessa. Porém, o oculto tem uma dinâmica diferente, quem realmente o tem descoberto que possa estar satisfeito para que possa parar? Este é o caso da descoberta do oculto que tanto atormenta os seres humanos.

²⁴ FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e a análise do eu*. São Paulo: Delta, 1959.

²⁵ LOPES, 2006, p. 32.

²⁶ PERETTI, Frank E. *Este mundo tenebroso*. 2. ed. São Paulo: Vida, 1990.

Rubem Alves, em uma palestra no *Theologando*, em São Paulo, disse: “os homens fizeram deus à sua imagem e o representaram como deus mau”.²⁷ A impressão é que no movimento da guerra espiritual, este deus a quem fizeram é tão mau quanto os que o construíram. Mudam-se apenas os endereços, mas os deuses das religiões são bem parecidos uns com os outros. A teovisão que hoje se tem entre as religiões não se diferencia tanto de tempos passados. A diferença é que são deuses modernizados e mais sofisticados, usam de artifícios subjetivos para manter o *statu quo*.

No cenário atual, também há os escritos do teólogo Peter Wagner.²⁸ Anteriormente ele era contra o pentecostalismo, mas, depois de ter sido professor durante alguns anos na América Latina, mudou suas convicções. Wagner é visto por alguns como o teólogo do movimento da batalha espiritual. Outro fator muito interessante é que após suas experiências na América Latina, uma região também de uma cultura de sofrimentos sociais, ele volta com outra ideia sobre o pentecostalismo. Nem todos os pentecostais são adeptos do movimento da Batalha Espiritual, mas, quando se trata deste assunto, é praticamente unânime que aqueles que fazem parte sejam pentecostais. Já Neusa Itioka, membro da equipe da missão internacional Servindo Pastores e Líderes (SEPAL) publicou o livro *Deuses da Umbanda*. Na realidade, foi sua tese de doutorado em Missiologia no Seminário de Fuller, no qual Peter Wagner era professor. Neste livro, Neusa Itioka coloca nomes nos demônios que, segundo ela, controlam o Brasil. Hoje é uma líder do movimento no Brasil, divulgando-o através de seminários e palestras. Para participar de suas palestras, é cobrada uma inscrição em dinheiro. O valor é considerável, sendo uma boa fonte de renda.

Neste movimento, quase não é encontrado uma preocupação com o social, mas sim em cobrar caro e colocar mais medo e terror nas pessoas. Afinal de contas, é necessário que o medo continue para que o público permaneça dependente em participar sempre e cada vez mais. A pregação sobre o problema social é relacionada ao diabo, é culpa dele. Novamente o terror e o medo são protagonistas das ideias do movimento.

²⁷ ALVES, Rubem. *Theologando Internacional*. Palestra o discurso teológico e a cultura contemporânea. São Paulo, 25 out. 2007.

²⁸ WAGNER, C. Peter. *Os cristãos no ambiente de trabalho*. São Paulo: Vida, 2007; WAGNER, C. Peter. *Humildade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Danprewan, 2005; WAGNER, C. Peter. *Espíritos territoriais*. São Paulo: Unilit, 1995.

Na década de 1980, Rebecca Brow (seu nome verdadeiro é Ruth Bailey) vem ao Brasil. Autora de alguns livros como *Ele veio para libertar os cativos* e *Prepare-se para a guerra*, teve grande repercussão entre os evangélicos pentecostais. Porém, em uma pesquisa realizada por Richard Fisher e colegas - Rev. G. Richard Fisher (Pastor Sênior da Laurelton Park Baptist Church, Bricktown, NJ), Rev. Paul R. Blizard (Pastor Sênior da Memorial Baptist Church, Beckley, WV) e Rev. M. Kurt Goedelman (Presidente da Personal Freedom Outreach, St. Louis, MO)²⁹ – a traz à luz a verdadeira identidade de Rebecca Brow, uma médica que é cassada pelo conselho de medicina de seu país. A audiência do Conselho de Licenciamento Médico de Indiana foi concluída e uma “Apuração de Fatos, Conclusões de Lei e Ordem” foi publicada. O relatório de oito páginas ordenou a imediata revogação da licença médica de Rebecca. Nesta pesquisa, foi descoberto que seu marido é estelionatário e outros fatos assustadores. Relatos que ela injetava Demerol e morfina em si mesma, na Sra. Moses (Elaine), uma personagem relatada em seus livros e na filha de Mose a pseudo Elaine. Na pesquisa, é relatado que Rebecca Brow fazia uso de grandes quantidades de drogas, tendo sido encontrado em sua casa várias agulhas usadas e seringas. É contado o depoimento de uma ex-empregada doméstica que, quando Rebecca mudou de casa, disse que a casa estava muito suja e no quarto em que Rebecca dividia com Elaine havia cinzeiros transbordantes de cinzas, fezes de animais, muitos livros de demonologia e restos de comida.

No Brasil, o músico e pregador Davi Silva desde 1999 dava vários depoimentos sobre fenômenos espirituais, como sonhos, visões, arrebatamentos e até mesmo uma suposta cura de Síndrome de Down. Atualmente, ele aparece ao lado de Mike Shea, seu líder, em um vídeo no Youtube e pede perdão pelas mentiras que ele disse durante todos estes anos.³⁰ Em seu depoimento, diz que a maioria deles eram invenções, alguns totalmente mentirosos e um que ele pegou de uma pessoa e repassava como se tivesse acontecido com ele. Nesse mesmo vídeo, ele retrata dizendo que precisava pedir perdão publicamente diante das câmeras, porque diante delas todos estes anos ele contou mentiras e agora estava

²⁹ FISHER, Richard. Citações e referências a documentos eletrônicos disponível em: <<http://www.watchthetower.net/brown.html>>. Acesso em: 08 maio 2011.

³⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yVfSrf5Lq4k&feature=related>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

arrependido. Mike Shea, líder de Davi Silva, começa o vídeo dizendo ser necessário praticar o que eles pregam sobre arrependimento. Por isso, passa a palavra para Davi Silva para pedir perdão publicamente em demonstração de arrependimento de seus erros. Em outro vídeo, anterior ao pedido de perdão, aparece Davi Silva contando uma experiência.³¹ Neste depoimento, ele diz que pediu para que os músicos parassem de tocar e ficasse apenas o público cantando. Ele percebe que o baterista continuava batendo o bumbo e depois de alguns minutos, ao resolver se irritar com o baterista, ele olha e vê que ele não estava mais sentado diante da bateria: um anjo estava tocando. Neste mesmo vídeo, aparece ele sendo supostamente interrompido em sua fala por um anjo. Enquanto isso, seu público ia aos delírios, vibrando com toda mentira que ele simulava.

A carência das pessoas por algo oculto é tão grande que não importa se é uma mentira. Elas se deleitam e se emocionam. Em alguns casos, idolatram o anunciante da pseudobênção. O grande problema é que muitos, ao descobrirem este tipo de farsa, passam a ficar descrentes. E, às vezes, pregadores sinceros ficam desacreditados por causa destes episódios.

1.2 Contexto social, cultural e religioso da Batalha Espiritual

Para compreender o contexto histórico do fenômeno da batalha espiritual, é importante compreender aspectos do passado. Em 1900, um teólogo chamado Charles Parham, pastor metodista, funda em Topeka, Kansas City, o Seminário Betel. No final de 1900, depois de muitas pesquisas teológicas a respeito do arrependimento, conversão, consagração, santificação, cura e a iminente volta do Senhor Jesus à Terra, Parham coloca como missão aos alunos o estudo sobre Atos dos Apóstolos, em especial o capítulo dois, sobre o batismo com o Espírito Santo. A partir daí, muitas coisas começaram a acontecer: seus alunos tiveram várias experiências parecidas com as que estavam narradas no livro bíblico. A experiência narrada em Atos dos Apóstolos era o falar em outras línguas, denominada como línguas estranhas pelo apóstolo Paulo em 1Co 14.27. Línguas estranhas porque as pessoas começam a falar e nem elas mesmo entendem o que está sendo dito. No entanto, segundo a Bíblia, em 1Co 14.4 é uma língua que faz o espírito humano comunicar de forma plena com o Espírito de Deus. O teólogo pentecostal editor-

³¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FWHMg9rINbE>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

chefe da Bíblia de Estudo Pentecostal, Donald C. Stamps, relata em uma nota da BEP:

As línguas como dom. Falar noutras línguas também é descrito como um dos dons concedidos ao crente pelo Espírito Santo (1Co 12.4-10). Este dom tem dois propósitos principais: (a) O falar noutras línguas seguido de interpretação, também pelo Espírito, em culto público, como mensagem verbal à congregação para sua edificação espiritual (1Co 14.5,6,23-17). (b) O falar noutras línguas pelo crente para dirigir-se a Deus nas suas devoções particulares e, deste modo, edificar sua vida espiritual (1Co 14.4). Significa falar ao nível do espírito (1Co 14.2,14), com o propósito de orar (1Co 14.2,14,15,28), dar graças (1Co 14.16,17) ou cantar (1Co 14.15; ver 1Co 14 notas, ver o estudo DONS ESPIRITUAIS PARA O CRENTE, p. 1756).³²

No episódio de Atos, capítulo dois, as pessoas falavam línguas dos anjos e também em outros idiomas desconhecidos. Era uma forma nova e diferente que Deus estava usando para falar com as pessoas.

Ouvindo-se, pois, aquele ruído, ajuntou-se a multidão; e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se admiravam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses que estão falando? Como é, pois, que os ouvimos falar cada um na própria língua em que nascemos?

A partir deste momento, início do século XX, muita coisa começou a mudar. Até então existia como igreja cristã a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Católica Ortodoxa e as igrejas protestantes como Batista, Presbiteriana, Metodista, Anglicana, Congregacional, Luterana e Menonita, dentre outras. Começa um novo movimento dentro do protestantismo, o pentecostalismo, que dá origem às igrejas pentecostais. Charles Parham deixa uma instrução aos seus alunos:

No dia 25 de dezembro, Charles Parham iria se ausentar por alguns dias, tendo deixado a seguinte instrução para eles: “Nós nos deparamos em nossos estudos comum problema. E sobre o segundo capítulo de Atos?... Tendo ouvido tantas entidades religiosas diferentes reivindicarem diferentes provas como a evidência do recebimento do batismo pentecostal, eu quero que vocês alunos estudem diligentemente qual é a evidência bíblica do batismo no Espírito, para que possamos apresentar ao mundo alguma coisa incontestável que corresponda de forma absoluta com a Palavra”. Três dias depois, ao apresentarem o resultado de seus trabalhos, todos os alunos tinham a mesma história – embora diferentes coisas tivessem ocorrido quando a bênção pentecostal caiu, a prova irrefutável em cada ocasião era que eles falavam em outras línguas. Então línguas eram a evidência ou

³² A BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corr. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

sinal do batismo no Espírito nos tempos apostólicos. Foi esta descoberta que fez com que surgisse o Movimento Pentecostal do Século XX.³³

Depois que os alunos de Charles Parham tiveram estas experiências, começaram a visitar vários lugares anunciando-as. Dois de seus alunos, Frank Bartleman e Willian Seymour, começaram a divulgar essas experiências através de correspondências e folhetos. Eles alugaram um galpão de uma firma falida na rua Azusa, em Los Angeles, e começaram a convidar as pessoas para orar juntos e receberem o poder de Deus através do batismo no Espírito Santo com a evidência em falar línguas estranhas. O movimento foi tão grande que chamou a atenção da mídia. Pessoas do mundo inteiro começaram a ir aos EUA para visitar Los Angeles e ver de perto o que estava acontecendo. Muitos eram curados e libertos só ao passarem em frente à porta do galpão da rua Azusa. Coisas incríveis aconteceram. Durante três anos, o galpão ficou aberto vinte e quatro horas por dia. Não havia liturgia programada, tudo era dirigido pelo Espírito de Deus. Algumas mídias divulgavam como mover de Deus, outras julgavam ser charlatanismo. Enquanto isso, o número de pessoas ia crescendo e os depoimentos de milagres também.

Este movimento chegou ao Brasil através de dois jovens pregadores da igreja Batista da Suécia, Daniel Berg e Gunar Vingren. Eles resolveram ir para os EUA ver de perto o que estava acontecendo em Los Angeles. Ao chegarem lá, foram batizados no Espírito Santo em uma reunião de oração. Nesta reunião, alguém profetizou dizendo que eles deveriam ir para o Pará. Ao olharem no mapa onde ficava este lugar, descobriram que era no Brasil. Em 1910, depois de expulsos de uma igreja Batista no Pará porque falavam em línguas estranhas, começaram a pregar na praça pública, dando início o que mais tarde se tornaria a Igreja Assembléia de Deus no Brasil.

Em 1914, nos EUA, a Missão Fé Apostólica, nome colocado no galpão da rua Azusa, muda o nome para as Assembléias de Deus. Colocaram este nome no plural por causa da pluralidade de pessoas de outras denominações históricas estarem ali reunidas. Elas tinham sido rejeitadas em suas igrejas de origem porque também falavam em línguas estranhas. Muitas outras denominações pentecostais começaram a surgir, dentre algumas a The Pentecostal Church of God (fundada no

³³ WALKER, John. *A Igreja do século XX: a história que não foi contada*. Belo Horizonte: Atos, 2002. p. 16.

Brasil em 1957 com o nome de Igreja de Deus Pentecostal do Brasil) e a Foursquare Church Gospel (fundada no Brasil em 1951 com o nome de Igreja do Evangelho Quadrangular).³⁴

O movimento pentecostal começou a crescer muito. No Brasil, desde cedo, tornou-se um fenômeno religioso. Depois do movimento pentecostal iniciado no início do século XX, vem o movimento carismático nas décadas de 1960 e 1970. O título de movimento carismático é porque todas as igrejas históricas (Católica, Batista, Presbiteriana, Metodista, Anglicana, Luterana e outras) se renovavam, aceitando o batismo no Espírito Santo, denominando-se como igrejas carismáticas. Houve alguns pregadores que foram os protagonistas do movimento carismático. Dentre eles, o pastor das Assembléias de Deus David Du Plessis foi o presidente da equipe pentecostal nos diálogos entre pentecostais e católico-romanos e o principal preletor em centenas de encontros carismático-pentecostais ao redor do mundo. Na época, esta equipe começou a influenciar igrejas protestantes históricas com o batismo no Espírito Santo.³⁵ Ao frequentar o Vaticano, estreitando o relacionamento com a Igreja Católica, inicialmente com Papa João XXIII e posteriormente com o Papa João Paulo II, Du Plessis teve sua credencial de pastor cassada pelas Assembléias de Deus dos EUA, tendo sido considerado como um apóstata do pentecostalismo. Mais tarde, depois de entender melhor as intenções de Du Plessis, as Assembléias de Deus pediram perdão a ele e o receberam de volta como ministro.

Quando este diálogo foi reportado ao Papa João XXIII, ele afirmou serem as palavras de Du Plessis “uma revelação de Deus” à qual os católicos “deveriam atentar”. Se o envolvimento de Du Plessis com líderes tradicionais já causava críticas e rejeição dos líderes pentecostais, a visita ao Vaticano causou furor. As Assembléias de Deus americanas, às quais ele transferira sua ordenação em 1955, revogaram suas credenciais de ministro, o que significou para ele não ter qualquer elo oficial com qualquer grupo pentecostal. Mesmo assim prosseguiu com determinação.³⁶

Du Plessis ganhou o título não oficial de “Senhor Pentecostes” e foi nomeado, em 1974, por um grupo de repórteres da revista *Time*, como um dos onze “principais teólogos do século XX”.³⁷

³⁴ WALKER, 2002, p. 31.

³⁵ WALKER, 2002, p. 82.

³⁶ WALKER, 2002, p. 74.

³⁷ WALKER, 2002, p. 74.

Após o movimento pentecostal e o movimento carismático, surge o movimento neopentecostal, também iniciado nas décadas de 1960 e 1970. O movimento neopentecostal pode ser identificado em sua maior parte por três pontos básicos. Primeiro, são as igrejas dissidentes de alguma igreja pentecostal clássica. Segundo, igrejas que pregam a teologia da prosperidade (tem que dar todo seu dinheiro para a igreja, fazer um sacrifício além de suas possibilidades de cumpri-lo para ver o milagre de Deus porque o verdadeiro cristão tem que ser próspero). Terceiro, a maioria delas explora de forma arrojada a mídia de rádio e televisão. Isso, juntamente com sua teologia capitalista, é uma força muito grande para seu crescimento.

Infelizmente, alguns estudiosos colocam os pentecostais clássicos e neopentecostais em um mesmo contexto e os denominam como um só movimento. Na verdade, não são. Embora a igreja neopentecostal surja em sua maior parte das igrejas pentecostais clássicas, elas assumem identidades diferentes. Segundo nossa observação, na verdade não parece ser o mesmo movimento, devido ao fato de a teologia ser diferente. No caso dos pentecostais clássicos, eles mantêm de certa forma os quatro pontos cardeais da Reforma: Somente Cristo; Somente as Escrituras; Somente a Fé e Somente a Graça. Já os neopentecostais introduzem em sua teologia a mensagem da prosperidade: é preciso dar dinheiro e não é só a Cristo. Outra mensagem da teologia neopentecostal é que são necessárias as campanhas para receber as bênçãos de Deus, não basta somente a fé. Hoje em dia já existem vários pentecostais clássicos ou oriundos que já estão com a mesma mensagem do neopentecostalismo. Porém, os que mantêm a linha clássica defendem em seu discurso de que somente a fé, somente Cristo, somente as Escrituras e somente a graça bastam. Os símbolos imaginários se entrelaçam entre as igrejas neopentecostais e pentecostais clássicas. Porém, é importante salientar a diferença entre ambas, pentecostais e neopentecostais. Cada uma tem suas peculiaridades. Igrejas pentecostais clássicas são aquelas que começaram no início do século XX através de um movimento de oração na rua Azusa, em Los Angeles. Como vieram de igrejas históricas, ao retornarem do movimento Azusa, eram rejeitadas por causa do batismo com Espírito Santo com evidência em falar línguas estranhas, uma das manifestações do avivamento. Com isso, as igrejas pentecostais clássicas trazem consigo uma herança reformada. Sendo a maioria advinda de

igrejas históricas, suas doutrinas tinham influências destas igrejas. Já as neopentecostais, embora na sua maioria tenha um parentesco com os pentecostais clássicos, são igrejas que surgiram posteriormente a partir da década de 1960. Porém, sua pregação é voltada para a teologia da prosperidade e muita demonstração de exorcismos, inclusive através da televisão. No entanto, os símbolos transitam entre elas. São diferentes e iguais ao mesmo tempo. Diferentes nos dogmas, mas iguais em suas formas de relacionarem com o sagrado, relacionam com fervor e muita motivação.

A análise entre os rituais que existem entre as igrejas neopentecostais, pentecostais clássicas e do espiritismo é bastante relevante para esta pesquisa. No texto de Oneide Bobsin sobre esta relação entre as religiões, *A morte morena do protestantismo branco*,³⁸ ao lembrar os fatos históricos e destacar aspectos afins, é notória a influência do catolicismo e espiritismo sobre os pentecostais, uma vez que a maioria é advinda destas religiões. Embora o espiritismo tenha influências do catolicismo popular, o pentecostalismo brasileiro é influenciado sincreticamente pelo catolicismo e espiritismo. Então, nota-se a influência que o movimento da batalha espiritual traz das raízes neopentecostais que, por sua vez, carrega influências do catolicismo popular e espiritismo com todas suas credices e misticismos

Na busca por compreender o movimento da batalha espiritual, é relevante analisar o contexto pentecostal e neopentecostal. Nota-se que uma das dificuldades de ambos os movimentos está na crítica à racionalidade. Para os neopentecostais, em particular o movimento da batalha espiritual, estudar e desenvolver a intelectualidade é uma ameaça para a fé. Como as pessoas estão voltadas à subjetividade, qualquer indício de objetividade pode ser uma ameaça à fé. Então, prendem-se e resistem ao crescimento intelectual. Uma vez crescendo e desenvolvendo teologicamente, começam a mudar sua forma de interpretar o sagrado. Os que crescem e se desenvolvem teologicamente são tidos como aqueles que esfriaram na fé. O argumento está baseado em 2Co 3.6: “a letra mata, mas o espírito vivifica”; e, por isso, deve-se andar no Espírito, que vivifica e fortifica a fé.

Para os que desenvolvem os aspectos intelectuais, o desenvolvimento intelectual teológico também é fé. Porém, em meio a estes entrelaços, surge o

³⁸ BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco: contrabando de espírito nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, p. 21-39, 2000.

movimento da batalha espiritual no Brasil. A existência de todos os adventos criados pelo sincretismo religioso-pentecostal colabora para a disseminação do pensamento místico que o movimento da batalha espiritual prega.

Hoje, o contexto religioso da batalha espiritual tem como ponto de partida as práticas místicas advindas do medo e do terror. É importante fazer a relação do movimento da batalha espiritual na década de 1930 com o missionário americano Fraser no interior da China e a origem brasileira, que surge em meio aos animistas nativos e africanos. Tanto um quanto o outro, trazem práticas místicas que são exploradas atualmente por neopentecostais e, principalmente, pelo movimento da batalha espiritual. O foco principal é o diabo, os demônios e tudo o que possa trazer medo e pavor às pessoas. Sem estes argumentos, não há batalha espiritual. O início do movimento pentecostal, por seu turno, mantinha o foco de suas pregações no Espírito Santo, dons e curas; não no diabo.

Como no imaginário animista brasileiro, a subjetividade, o misticismo e o medo são bastante explorados, hipoteticamente no movimento da batalha espiritual não poderia ser diferente. Possivelmente, herdaram este discurso inconscientemente, mudando apenas a forma de o fazer. Uma vez que cultuavam e invocavam outros deuses na crença animista, no contexto evangélico, passam a ter um Deus contra os deuses que acreditavam no passado. Na batalha espiritual, não há escolha: precisam aprender com os orientadores da batalha espiritual como ficar livres dos demônios e o foco, na maioria das vezes, é este: demônios, o diabo, o mau, o pecado e as maldições. É necessário aprender como “orar de verdade”, comprando os livros dos orientadores da batalha espiritual e participando dos seminários que eles promovem. Prometem aos participantes a libertação dos demônios e a solução dos problemas. Se o problema não fica resolvido, sempre existirão argumentos que terão o diabo como culpado. A partir de então, mais estratégias devem ser direcionadas para a vítima. Se não “orar direito” é alvo do diabo, se orar muito também é porque o diabo fica furioso. Nunca há escapatória para a pessoa, que precisa sempre fazer algo para suprir a projeção dos aspectos negativos sobre o demônio, tal como embasado pela psicanálise.

O problema está em que momento a pessoa conseguirá ficar liberta dos demônios. Este é um grande mistério que precisa ser desvendado. E as pessoas gostam de mistérios, quanto mais, melhor. É como um programa de televisão que

quando seu apresentador fica colocando mistérios para o próximo bloco do programa, ou quando é uma novela que sempre deixa para o próximo capítulo. O artigo “Poder & Intrigas, uma novela teológica: considerações acerca das disputas de poder no campo religioso à luz do pensamento de Pierre Bourdieu e de Rubem Alves” retrata bem este estilo novelístico.

Pensando no campo religioso, uma das grandes ilusões relacionadas a esse campo é a visão ingênua contida nele que atribui uma aura sacra a eclesiologia. Relacionar a igreja (instituição) como vontade ou realização de Deus na terra pode possuir seus benefícios, mas carrega perigos muito mais ameaçadores e pertinentes. Entre esses perigos está, naturalmente, a tentação de se outorgar o título de representante de Deus na terra e lançar a máxima já difundida no período da cristandade: *extra ecclesiam nulla salus*, i.e., fora da igreja não há salvação. Essa tentação (a mais forte delas) já foi apresentada pelos evangelistas no relato conseqüente ao batismo de Jesus por João Batista no rio Jordão. Segundo Juan Mateos e Fernando Camacho, as três tentações – transformar pedra em pão, deixar-se ser socorrido por anjos e servir ao diabo – (Mt 4.1-11) significam, na verdade, a utilização dos dons a favor de si mesmo, a infantilização de Deus mediante o encobrimento da irresponsabilidade humana e a renúncia total ao projeto do Reino de Deus, i.e., de uma sociedade alternativa à injusta de então. Em todo o caso, há quem diga que a igreja (instituição) apesar das calúnias e das pequenas exposições constrangedoras (lavagem dinheiro ou aquisição ilícita de dinheiro, como no caso da acusação sobre os líderes da Renascer, padres acusados de pedofilia) ainda se sustenta como uma das instituições sociais mais íntegras. Não é necessário duvidar disso, mas apenas ressaltar que, justamente por ser uma instituição humana, sua história não escapa de se tornar uma novela de horário nobre, i.e., com tramas evocadas por poder, intrigas e até amor.³⁹

As pessoas adoram e continuam presas a esta programação. Em alguns momentos, o movimento da batalha espiritual trabalha com esta estratégia, sendo a principal o ocultismo. A promessa está em Deus revelar os mistérios ocultos da vida de alguém para que ela seja liberta.

Uma das atrações é o culto de libertação, onde quase sempre há o momento da revelação, quando um pregador ou uma pessoa dotada de dons fica revelando a vida das pessoas presentes e praticando o exorcismo, criticando as outras religiões e denominações. O discurso também é gerado pelas acusações de que artistas de novelas, cantores e apresentadores de televisão são satanistas. Em alguns casos, acusam também líderes evangélicos de expressão nacional ou local.

³⁹ REBLIN, Iuri A. Poder & intrigas, uma novela teológica: considerações acerca das disputas de poder no campo religioso à luz do pensamento de Pierre Bourdieu e de Rubem Alves. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, ano 6, v. 14, n. 3, p. 14-31, set./dez. 2007. p. 17. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/014/ano06n3_02.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

Não duvidamos que Deus distribui os dons às pessoas, mas a questão é: para qual finalidade estes dons são distribuídos e quais os objetivos de seus portadores. Em alguns momentos, os dons são nítidos e palpáveis. Pessoas são curadas e abençoadas pela Palavra de Deus. No entanto, não é o que se percebe em alguns casos e no movimento da batalha espiritual. As pessoas são escravizadas, mas agora de forma diferente: são escravizadas pelo medo, terror e submissão devidos aos seus líderes para não caírem nas armadilhas do inimigo. Em um contexto em que os brasileiros e brasileiras são descendentes de um imaginário da escravidão, advindo do politeísmo confundido entre os demônios, é possível que o inconsciente coletivo contribua para este tipo de crença e submissão? Esta é uma hipótese a considerar.

Para descrever o contexto religioso, é importante salientar que a religiosidade do movimento da batalha espiritual consiste em não ser um grupo religioso. Falar sobre religião é dizer o contrário do que se pretende no movimento. Isso é uma verdade em quase todo o grupo pentecostal, mesmo os que não são do movimento da batalha espiritual. Na mente do grupo do movimento, é necessário estar em contrário a todas as religiões.

O Senhor nos chamou para sermos vencedores! Esse é o nosso chamado. Deus não nos chamou para sermos religiosos. Através desse estudo nós seremos libertos de toda religiosidade. Dentro de nós há um Santo, e este Santo é vivo, ele se move, e Ele quer agir através de nós; e muitas vezes há um espírito que nos faz paralisar, e isso impede esse Santo que está dentro de nós de se manifestar.⁴⁰

Como não se consideram um grupo religioso e sim um grupo espiritualista que conhece Deus de perto a ponto de vencer os demônios e proporcionarem o alívio para as demais pessoas, consideram-se, de fato, os portadores da verdade.

As pessoas ligadas ao movimento da batalha espiritual tendem a acreditar que são donas da verdade. Este é o grande perigo: achar-se o portador da verdade absoluta. Existe um ditado chinês que diz existir três verdades: a sua, a minha e a verdade verdadeira. Acredita-se que as religiões estão todas procurando a verdade. E possivelmente algumas possuem parte dela. Se Deus é a verdade, é impossível alguém ou alguma religião ter a posse de Deus. Não é Deus que é possuído pelas

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.comunidadeatosdosapostolos.com.br/site/Conteudo.aspx?id=56>>. Acesso em: 11 maio 2011.

peças, mas é ele quem as possui. A argumentação do movimento consiste na atuação dos demônios advindos de religiões que não sejam de fato verdadeiras (espiritismo, hinduísmo, catolicismo e outras), consideradas parte das estratégias demoníacas.

A umbanda está sendo considerada por muitos estudiosos como uma religião endógena e tudo indica que poderá tornar-se a religião nacional do Brasil. Ela é fruto do sincretismo entre o catolicismo medieval português, religiões africanas, culto dos ancestrais índios e o espiritismo de Allan Kardec, sincretismo esse que tomou um longo processo histórico para se desenvolver. O desafio da umbanda está diante da igreja de Jesus Cristo no Brasil, que até hoje não se despertou suficientemente para reconhecê-la tal qual ela é, e considerar e calcular o preço envolvido em aceitar o seu desafio. Nós não a conhecíamos e por isso não a levamos a sério, mas ela está aí hoje, mais poderosa do que nunca. Ela é a expressão do demonismo na sua maneira mais cativante e enganosa.⁴¹

As pessoas advindas destas religiões são consideradas como possuídas por demônios e enganadas ou enganadoras, fazendo parte da atuação do mal na terra. Este mal também se expressa geograficamente. Por isso, também falam sobre a necessidade em fazer mapeamentos de demônios territoriais.

Aprenda a mapear seu bairro, sua cidade! Como bom soldado de Cristo, você deve saber onde está seu inimigo, como enfrentá-lo e o que deve ser feito para derrotá-lo. Não se deve entrar em uma guerra sem conhecer o adversário e sem saber quais são as suas estratégias.⁴²

Estes mapeamentos e descobertas de demônios territoriais são revelados aos líderes do movimento. Deus lhes mostra que determinada região contém certos demônios e então entram em ações de guerras espirituais para eliminar o inimigo. Também existe o mapeamento individual das pessoas, caso alguém antes de se converter teve envolvimento com satanismo, espiritismo ou qualquer outra forma religiosa, como também envolvimento de prostituição, é necessário que seja feito um trabalho de libertação com este indivíduo.⁴³ Quando alguém passa pelo trabalho de libertação, o libertador que está ministrando na vida de uma determinada pessoa induz a pessoa pedir perdão para cada prostituta com quem ele já teve relação. Somente assim ele conseguirá ficar livre do pecado e livre dos demônios.

⁴¹ ITIOKA, 1993, p. 233.

⁴² Disponível em: <http://www.agapereconciliacao.com.br/v3/c_intensivo.asp?id=8&expandable=2>. Acesso em: 11 maio 2011.

⁴³ Seminário de batalha espiritual em Betim 15 de agosto 2009.

Uma estatística relatada pela Revista Igreja, sobre uma pesquisa realizada nos Estados Unidos e no Brasil acerca de universitários cristãos, diz que 58% deles após irem para a universidade desviam-se da fé ficando descrentes e/ou ateus.⁴⁴ Isto é um sinal de que a igreja não foi e não está sendo relevante para estes jovens. Segundo a pesquisa, o motivo deles se afastarem da igreja é porque ao entrar na universidade não conseguem argumentar sobre sua religiosidade com professores e colegas de sala. O número de jovens que se desviam, esfriando da fé, é bastante alto. Uma fé subsidiada apenas na subjetividade, medo, terror e manipulação não dá o devido preparo para frequentar o ambiente acadêmico.

Em tempos passados, nem todos os jovens tinham o privilégio de ir para a universidade como hoje. Em tempos atuais, além da exigência do mercado de trabalho em contratar profissionais qualificados de nível superior, também está mais acessível para o jovem de classe média baixa frequentar uma universidade. Então, nota-se que o jovem destas próximas gerações frequentará mais a universidade. Os líderes religiosos e principalmente os pentecostais e neopentecostais necessitarão de preparo intelectual e, no caso de alguns, precisarão mudar seu discurso. Nota-se que a dificuldade no âmbito intelectual é bastante tangível.

1.3 Aspectos psicológicos e psicanalíticos

Fenomenologia, matéria interessante para esta discussão sobre o movimento da batalha espiritual. Os fenômenos religiosos são comuns a cultos afros, pentecostais e católicos popular, mas os cerimoniais, os cultos ou as missas convencionais já não são tão comuns. A relação entre estes cultos e suas formas litúrgicas deve ser o ponto crucial a ser observado.

Na busca de elementos litúrgicos e de crenças, deve-se procurar distinguir entre o espiritual e o emocional, podendo, a partir de então, avaliar a contribuição negativa ou positiva destes fenômenos no aconselhamento pastoral.

Para Freud, a religião é a neurose obsessiva.⁴⁵ Embora muitos compreendam Freud como um ateu, não era esta a visão do pastor Pfister. Ele disse para o amigo Freud em uma de suas cartas: “o senhor não é ateu; quem vive para a

⁴⁴ IGREJA: estratégias e recursos para ministério. Disponível em: <<http://www.creio.com.br/revistaigreja/>>. Acesso em: 12 maio 2011.

⁴⁵ DAVID, 2003, p. 36.

verdade vive em Deus”. E ainda na mesma carta disse sobre Freud: “jamais houve cristão melhor”.⁴⁶ Friedrich Nietzsche também é julgado por alguns como ateu e, no entanto hoje, teólogos e estudiosos fazem outra interpretação de sua filosofia. Na atualidade, Rubem Alves também é julgado como tal. Ateu. Porém, em seus livros, quando analisados, podem-se encontrar pérolas sobre espiritualidade. A questão é que estes homens e muitos outros ao tentar interpretar a religiosidade estão sendo mal interpretados. No entanto, estão passando preciosidades sobre o ser humano, sua cultura e sua necessidade pelo sagrado ou até mesmo seus equívocos quanto à busca por Deus. Neste aspecto, estes autores dão subsídios para ver os equívocos do movimento da batalha espiritual. Possivelmente para alguns que lerem este trabalho, o autor estará negando as verdades espirituais. Porém, a questão é buscar elementos que possam contribuir com as pessoas sem precisar manipular. Entender que a religiosidade pode ser um instrumento para ajudar ou destruir pessoas, dependendo de como é usada.

Em alguns momentos, nem tudo está realmente sendo uma verdade absoluta do sagrado. Devido à carência humana, as pessoas buscam na religiosidade uma resposta para seus anseios. Nessa ânsia pelo sagrado, elas acreditam em qualquer coisa que lhes disserem e suas carências tornam-nas vulneráveis para manipulações e enganos.

Distinguir entre gênese e validade... Paul Ricoeur comenta que a psicanálise pode falar de deuses, Mas não de Deus – este não é âmbito dela. Herrera Fernandez nomeia a psicanálise de teologia negativa, capacitada a mostrar quem Deus não é. Aplicando estes parâmetros ao nosso tema, diria que a psicanálise pode falar do demônico, mas não do Demônio, a psicanálise pode falar de possessões do Id ou do Superego, mas não declarar que isto englobe todas as formas de possessões. Ela pode ser uma demonologia negativa e, neste sentido, auxiliar muito a alertar contra sistemas religiosos que demonizam todos os acontecimentos e sentimentos. Deste modo, cumpre a função de purificar o comportamento religioso e libertar o sujeito para que não fique preso nas malhas das suas projeções de angústia sobre o sobrenatural.⁴⁷

A riqueza deste texto contribui na reflexão proposta, pois ajuda a definir o que é fenômeno religioso ou fenômeno espiritual. Traçar fronteiras entre um e outro e definir parâmetros que possam ajudar na interdisciplinaridade, a fim de melhor compreender e transitar entre um e outro com clareza e pés no chão. É possível que

⁴⁶ DAVID, 2003, p. 35.

⁴⁷ WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. *Fenômenos sobrenaturais? uma abordagem psicanalítica do demônio*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

o fenômeno religioso esteja mais latente no imaginário coletivo, sendo um ponto de partida para invenções e comercialização dos símbolos religiosos. O religioso é sacralizado como espiritualização. Neste aspecto, a psicanálise pode ajudar, alertando contra o sistema demonizador. Uma vez que o religioso traça perfis de espiritualidade pelo sagrado, revela também o lado oposto, o demonizador, que pode receber o nome de ilusão. Até o sagrado pode receber o nome de ilusão, dependendo da forma como ele é imaginado. Não que Deus seja uma ilusão, mas as formas de ver o sagrado e o demônio podem ter formas infantis de se ver e de se interpretar. Não seria esta a busca de Freud pela verdade? Ou em outras palavras, não buscar o que não pode ser buscado, mas simplesmente viver a existência que é permitida e latente aos olhos humanos? A religiosidade é humana, cultura; e a cultura também é humana. No entanto, a espiritualidade é divina, podendo ser manifestada ou não através da religiosidade, que pode ser revelada ou não a humanidade. Os seres humanos não possuem o controle disso, porque o humano está aquém da divindade.

Refletindo nesta proposta, é interessante julgar que nem mesmo a teologia conseguirá estudar e muito menos entender a pessoa de Deus. A psicanálise só pode tentar explicar quem Deus não é.⁴⁸ A proposta em explicar quem Deus é constitui-se em uma tarefa que a teologia tenta realizar em vão. Porém, não consegue porque seu objeto é muito maior e indescritível, logo seria bom ela se ater a explicar quem é o ser humano na perspectiva bíblica. Quem Deus não é, quem é o ser humano e porque ele existe e como coexistir diante das propostas Bíblicas. Qual a melhor forma de poder entender o ser humano, sua cultura, sua espiritualidade e sua religiosidade. Tentar separar religiosidade de espiritualidade, sendo a religiosidade a neurose obsessiva do ser humano ou seu desejo pela transcendência e a espiritualidade algo indefinível para a mente do ser humano.

1.4 Interfaces do contexto religioso-espiritual

A relação do contexto religioso-espiritual e cultural com o aspecto psíquico é de grande valia e contribuição para esta pesquisa. Para Freud, seres humano precisam da cultura, mas não podem ser felizes nela.

⁴⁸ WONDRACEK, 2009.

Os homens precisam da cultura, mas não podem ser felizes nela; por quê? Parafraçando o próprio Freud, a resposta mal pode provocar dúvidas: é porque o mal-estar é “na” cultura, e não “da” cultura... Jacques Lacan pôde ressaltar anos depois, relendo o mal-estar, que a mensagem surpreendente e ainda inquietante dessa obra de Freud é que viver, seja em que cultura for, é sempre difícil, é sempre demais para o homem.⁴⁹

Para Freud, a religião é uma ilusão.⁵⁰ Como toda ilusão, ela é infantil. Então, o ser humano recorre à religião como complemento da cultura para sobreviver e se preencher. A religião está presente em toda cultura. Por mais que os religiosos do movimento da batalha espiritual digam que não são religiosos, eles são. Dizer que não são religiosos, em alguns momentos, diga-se que de forma inconsciente, torna-se um argumento de *marketing* para propagar o movimento.

É possível que o brasileiro seja vulnerável a este tipo de *marketing* uma vez que o Brasil ainda possui uma cultura menos favorecida quanto ao conhecimento e ao acesso universitário. Com isso, torna-se uma cultura ainda mais fragilizada e fácil de ser manobrada. O problema maior é quando os jovens vão para a universidade com a mentalidade extremamente rasa no conhecimento íblico e sem consolidação religiosa. Nem sempre, os movimentos religiosos que trabalham no âmbito das emoções o fazem de maneira consciente. Mas, como no imaginário coletivo cultural está a necessidade religiosa, custa mais tempo para as pessoas conseguirem assimilar a subjetividade como eixo da vulnerabilidade para as manobras religiosas. Por causa disso, os neopentecostais, pentecostais e adeptos do movimento da batalha espiritual são contra a religião e se dizem não ser religiosos. Como troca de conceito, vão dizer que aqueles que se mantêm nas liturgias antigas são religiosos e os que se aprofundam no conhecimento são frios. Propõe, ao invés de uma adesão religiosa, a busca diretamente na fonte, ou seja, abrir seu coração para as experiências emocionais, que para eles são experiências sobrenaturais.

1.5 Sociologia do fenômeno religioso

Pierre Bourdieu, em uma explicação da teoria do trabalho religioso em uma interpretação da teoria da religião de Max Weber, faz uma relação à religiosidade em quatro definições: os sacerdotes, os profetas, os feiticeiros e os leigos.⁵¹ Neste

⁴⁹ DAVID, 2003, p. 36.

⁵⁰ DAVID, 2003, p. 39.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 83.

aspecto, percebe-se que cada função do agente vai mudando de personagem. Porém, as funções continuam a serem exercidas mesmo quando há personagens diferentes. O sacerdote é o agente da religião já criada que mantém o dogma religioso existente. Ele tem o papel de atuar como funcionário da igreja e manter o carisma institucional e definir os pecados. O papel do sacerdote também consiste em alcançar mais fieis e fazê-los consumidores dos bens simbólicos. Já o profeta é aquele que usufrui das crises para formar grupos, combater a instituição e formar novas ideias acerca do sagrado. Diferentemente do sacerdote, o profeta trabalha para manter o seu carisma pessoal e não institucional. Já o mago ou feiticeiro é aquele que faz o serviço religioso fora da ortodoxia dos sacerdotes e da neo-religião ou seita criada pelos profetas. Segundo a análise de Bourdieu, ele é aquele que é atacado pelos sacerdotes e profetas porque vende os símbolos sem ter o direito de fazê-lo.⁵²

Bourdieu expressa que existem dois grupos, os especialistas (sacerdotes, profetas e feiticeiros) e os não-especialistas (leigos). Porém, Oliveira complementa que os leigos são os produtores de bens religiosos, visto que na sua coletividade produzem a obra-prima bruta,⁵³ que posteriormente é lapidada pelos especialistas e vendida de volta aos leigos como algo novo e originada do sagrado.

Fazendo uma análise crítica e precisa dos argumentos de Bourdieu e Oliveira, na explicação da tipologia weberiana, são notáveis as comparações com a religiosidade contemporânea. Pentecostais, neopentecostais, protestantes, católicos e espíritas sempre tiveram presentes nesta tipologia. Em alguns momentos, um foi profeta e outro sacerdote e depois passa a ser feiticeiro. Lembrando que os leigos produzem estas simbologias ou bens religiosos de forma inconsciente. Os leigos produzem as demandas e os especialistas desenvolvem-nas para continuidade dos símbolos de cada um.

Na batalha espiritual no contexto neopentecostal, nota-se uma relação com esta tipologia. Em algum momento, o catolicismo como sacerdote denuncia o protestantismo por exercer um papel de sacerdote, depois os protestantes denunciaram os pietistas em tempos passados. Algo semelhante aconteceu também

⁵² BOURDIEU, 1974, p. 83.

⁵³ OLIVEIRA, Pedro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 109.

com os pentecostais clássicos depois do pietismo, sofreram esta denúncia por exercerem o papel de feiticeiros. Hoje encontram-se os neopentecostais e que de certa forma estão sendo denunciados por serem magos ou feiticeiros nesta tipologia. O mais importante é conseguir entender que tanto os especialistas quanto os não-especialistas ou, em outras palavras, os agentes e os leigos estão trabalhando para o desenvolvimento dos bens religiosos, dos interesses políticos que cada um necessita defender. Voltando à interpretação da teoria da religião de Max Weber por Pierre Bourdieu:

O campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso que leva os leigos a esperar de certas categorias de agentes que realizem “ações mágicas ou religiosas”, ações fundamentalmente “mundanas” e práticas, realizadas “a fim de que tudo corra bem para ti e para que vivas muito tempo na terra”, com diz Weber.⁵⁴

As pessoas buscam a satisfação, a paz e o conforto emocional. Os fenômenos que surgem trazem esta satisfação. Por isso, a competição política entre as divisões propostas por Weber é cíclica. A cada momento diante da história, aqueles que fazem a comercialização dos símbolos religiosos relutam para não perder seu mercado. Quando os feiticeiros aparecem ameaçando os sacerdotes e profetas que são os que fazem a comercialização dos símbolos criados pelos leigos, logo tratam de se defender da concorrência mesmo que precisem atuar como feiticeiros também.

No entendimento weberiano, os sacerdotes, profetas e feiticeiros atuam em uma concorrência interna. Os sacerdotes, profetas e feiticeiros são os agentes especializados que trabalham para satisfazer os leigos que são as classes dominantes, com uma demanda de legitimação. As classes dominadas, por sua vez, possuem uma demanda de salvação. Quanto maior for a separação entre os sacerdotes, profetas e feiticeiros em produzir e reproduzir os bens religiosos como também a distância entre os leigos, mais favorece para a imagem da religião como instituição que está acima dos interesses mundanos. Em outras palavras, quando os leigos têm proximidade dos agentes religiosos, a imagem de santidade criada na mente dos leigos é mudada. Por isso, nas religiões ortodoxas e nas denominações evangélicas, os líderes sempre estão distantes, dentro de cabines, gabinetes, com roupagens diferenciadas (batinas, ternos e gravatas), exigindo que as pessoas os

⁵⁴ BOURDIEU, 1974, p. 82.

chamem pelos títulos, etc. Neste sentido, hoje em dia aparece em uma minoria alguns líderes no cenário evangélico com uma proposta diferente. Eles andam com seus fiéis sem protocolos, não fazem questão de serem chamados pelos títulos ministeriais, não fazem questão de andar de terno e gravata. Nem por isso perdem o respeito de seus fiéis, mas também de modo geral não conseguem o mesmo tratamento que outros líderes que usam dos protocolos. Na verdade, está intrínseca no inconsciente coletivo a necessidade do protocolo e da formalidade. Isso não acontece somente nas igrejas. Acontece também no comércio, nos negócios e no dia a dia de modo geral.

Enquanto são usados os protocolos, as formalidades em roupas e liturgias, com equilíbrio, pode haver contribuição para moralizar o contexto religioso a ponto de causar efeitos positivos na comunidade. O problema é quando estes artifícios são usados para a manipulação de interesses individuais do sacerdote.

O movimento da batalha espiritual trabalha este tipo de superioridade. Eles são os que possuem o conhecimento espiritual. Deve-se submeter ao que eles sabem, caso contrário, poderá ser penalizado pelo inimigo. Partindo do pressuposto de que o movimento não traz contribuições sociais, nem espirituais, a intenção está somente em competir no mercado dos bens religiosos. Embora este mercado aconteça de qualquer forma, ele deve ser realizado para o bem comum de todos e não apenas para o bem individual de um ou de outro. Acredita-se que alguns do movimento da batalha espiritual tenham a prática de manipulação através do medo e do terror devido à aprendizagem com seus mestres, de modo que repassam essa forma de crer e de ensinar.

2 DOGMÁTICA BÍBLICA: UMA PROPOSTA TERAPÊUTICA

Nosso objetivo aqui é buscar a contribuição que a dogmática cristã possa ter para a dimensão terapêutica na comunidade. Embora a maioria dos cristãos considere que a doutrina sirva apenas para cumprimento de leis morais que regulamentam a igreja como obediência a Deus e requisito para uma vida espiritual, é possível encontrar na dogmática cristã algo que vá além dessa proposta. Biblicamente, sob a ótica teológica reformada, Deus interage na vida do homem e da mulher através da eleição, arrependimento, fé, justificação, regeneração, adoção, santificação e certeza. Através da Bíblia, muitos ministros e aconselhadores conseguem desenvolver terapeuticamente seu trabalho sem mesmo perceberem esta virtude da dogmática. Embora possam existir alguns preconceitos quanto à terminologia, é notável que a Bíblia apresente propostas terapêuticas, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Ainda que Jesus tenha vindo fazer uma releitura das escrituras, ele deixou claro seu papel terapêutico.

As ações de Jesus Cristo consagram-no como aquele que cuida do nosso ser, e resgata em nós o que estava perdido, oculto pelas aparências, pelas defesas. Podemos dizer que Jesus ressalta coisas que as pessoas já não percebem mais. Mas atenção: o cuidado de Jesus não é no sentido de revelar o pecado oculto; não, muito pelo contrário: seu alvo é revelar o afeto que estava oculto – a capacidade de amar, a sede de ser amado – como em todos aqueles exemplos. Como consequência, o pecado até aparece, mas em outra dimensão que não a da acusação: o pecado é ligado com o amor oculto, interpretado como desvio do alvo original, como tentativa falhada de buscar o que faltava – este é o significado do dinheiro de Zaqueu e dos maridos da samaritana (Jo 4). Na psicanálise se diz que a cura acontece quando o sintoma é ligado ao conteúdo que estava reprimido, porque desta forma o sintoma perde o sentido. Algo semelhante acontece com as pessoas que são cuidadas por Jesus: Zaqueu devolve o dinheiro, a samaritana sabe do que tem sede, Marta reorienta seu desejo de adorar pelo servir.⁵⁵

O exemplo de Lutero também ilustra o papel terapêutico na dogmática. Ele estava aflito por tantas culpas, sentia-se perturbado, a culpa pelo pecado pesava sobre ele, mas encontrou alívio por meio das Sagradas Escrituras.

Se você conhece um pouco da história da igreja, com certeza sabe que Martinho Lutero, antes de se tornar o pai da Reforma protestante, era clérigo católico. Como parte do preparo acadêmico, passou vários anos estudando grego, hebraico, latim, os escritos dos pais da igreja e as doutrinas da Igreja Católica Romana. Para todos os efeitos, ele era um homem brilhante, devoto e muito dedicado aos estudos. No entanto, sua

⁵⁵ BÍBLIA de Estudo Conselheira. São Paulo: SBB, 2011. p. 142.

alma se encontrava profundamente perturbada. Pesava sobre ele uma sensação constante de que seus pecados não haviam sido perdoados e sentia o julgamento de Deus esmagando-o como um fardo enorme que ele não conseguia levantar. O fato de ele ser padre só piorava as coisas. Não importava o que fizesse nunca se sentia convicto do perdão de seus pecados. Aflito, Lutero foi a Roma na esperança de encontrar respostas, mas voltou ainda mais desesperado. Vários anos depois, enquanto estudava o livro de Romanos, ele se deparou com a seguinte frase: “O justo viverá por fé” (Rm 1.17). Aos poucos, seus olhos foram abertos e ele viu com clareza que Deus não nos perdoa pelo que fazemos, mas única e exclusivamente com base naquilo que Jesus fez por nós quando morreu na cruz e ressuscitou dentre os mortos. Lutero chamou essa verdade de “porta para o céu”.⁵⁶

Através da leitura e interpretação bíblica, Lutero passou por uma transformação. Esta transformação não foi apenas pessoal, mas atingiu diversas pessoas desde aquele tempo até hoje. A Palavra de Deus tocou profundamente o coração de Lutero. E ainda hoje está tocando corações.

O movimento da batalha espiritual não está comprometido com a teologia reformada, a qual os pentecostais clássicos herdaram de suas dissidências, pois, no decorrer dos anos, eles deixaram de lado alguns valores norteadores que dignificam a fé cristã na sua essência. No caso da teologia reformada, existe um paradigma bastante comprometido com Jesus Cristo e com sua Palavra. Os quatro pontos cardeais da Reforma Protestante descrevem com clareza este pensamento: *Solus Christus*, *Sola Scriptura*, *Sola Gratia* e *Sola Fide* (Somente Cristo, Somente a Escritura, Somente a Graça e Somente a Fé). Uma vez que algum movimento cristão, no caso o neopentecostalismo com o movimento da batalha espiritual, perde o referencial deixado pela Reforma protestante, tende aos erros teológicos e discursos anti-bíblicos.

A doutrina bíblica é uma forma didática e terapêutica que traz parâmetros éticos e morais para se viver bem uns com os outros em sociedade e comunidades cristãs. As propostas a seguir são reflexões de como o corpo teórico cristão pode e é relevante na vida de seus fiéis. Como também, destacam os principais pontos para poder refletir as distorções presentes em muitos movimentos e religiões na atualidade, que não são benéficos. Uma interpretação saudável das escrituras contribuirá para o bem-estar de todos tanto ajuda para conforto quanto para exortação. Para Gordon Fee e Douglas Stuart, a interpretação correta, portanto, traz

⁵⁶ PRITCHARD, Ray. *O poder terapêutico do perdão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 19.

alívio à mente bem como uma aguilhada ou cutucada no coração.⁵⁷ A boa interpretação chega ao sentido claro do texto e propicia alívio mesmo que mexa com os antigos paradigmas. Tanto desde o ponto de vista do alívio, ao trazer certezas das bênçãos e do amor de Deus, quanto em exortações de más condutas. Ambos podem servir como mensagem terapêutica.

Passemos aos princípios básicos da teologia bíblica, como a eleição, arrependimento, fé, justificação, regeneração, adoção, santificação e certeza.

2.1 Eleição

Ele nos elegeu pela sua soberania, porque mantém sua criação. Ainda que Adão e Eva pudessem evitar o pecado, decidiram desobedecer a Deus.

Com respeito ao fato de que algumas pessoas de Israel foram salvas, mas outras não, Paulo diz: “O que Israel busca, isso não conseguiu mas a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos” (Rm 11.7). Aqui, Paulo indica novamente dois grupos distintos dentro do povo de Israel. Aqueles que, porque a eleição os alcançou, obtiveram a salvação que buscavam, enquanto os demais, porque a eleição não os alcançou, simplesmente “foram endurecidos”. No início de sua carta aos Efésios, Paulo fala explicitamente a respeito do fato de Deus escolher os crentes antes da fundação do mundo. “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça” (Ef 1.4-6).⁵⁸

Deus, por sua compaixão, amor e soberania, atentou em salvar os seus, dando a chance de voltar ao plano inicial, elegendo seu povo “como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor” (Ef 1.4). Toda a humanidade herdou a natureza pecaminosa de Adão, merecendo assim a condenação eterna pelo seu ato; nenhum homem ou mulher pode ser salvo se não for pela graça de Deus. Graça de Deus é o favor imerecido, sendo que aqueles que estão em Cristo recebem esta graça. Ele não dá o que uma pessoa merece, mas dá o que ela não merece. A humanidade pecadora merece maldição, condenação e todo o mal, e o que ela não merece é bênção, absolvição e libertação; isso é a graça de Deus.

⁵⁷ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 14.

⁵⁸ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 561.

Veja o processo terapêutico na eleição de Deus, a garantia de que ele escolheu e o que ele escolheu ele preserva. Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus. Uma pessoa saber que Deus está cuidando de todos os detalhes de sua vida, conforta, traz alívio e esperança.

2.2 Arrependimento

“Adjetivo de arrepende-se. 1. Sentir mágoa ou pesar por falta ou erro cometido. 2. Mudar de procedimento, de parecer”.⁵⁹ É uma mudança sincera e completa de opinião e disposição com respeito ao pecado. Pregado por Jesus: “respondeu-lhes Jesus: Não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos; eu não vim chamar justos, mas pecadores, ao arrependimento” (Lc 5.31-32); pregado por João Batista: “assim apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados” (Mc 1.4); pregado por Pedro: “Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38); pregado por Paulo: “porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, o qual não traz pesar; mas a tristeza do mundo opera a morte” (2Co 7.10). Quando alguém se arrepende, deve produzir o fruto do arrependimento: “produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mt 3.8). Produzir o fruto do arrependimento é ir além de sentir mágoa ou pesar por falta ou erro cometido, é mudar de procedimento quanto ao erro não o cometendo novamente com o pensamento de que se pudesse voltar atrás não permitiria este erro acontecer. Isto leva à confissão do pecado: “mas o publicano, estando em pé de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, o pecador!” (Lc 18.13). Também leva ao concerto do erro cometido: “Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado” (Lc 19.8). Jesus o justificou: “Disse-lhe Jesus: hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão” (Lc 19.9). Este é um processo de arrependimento, produzindo o fruto do

⁵⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Educação. In: *Minidicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 88.

arrependimento, levando à confissão do pecado e a justificação pelo cordeiro de Deus Jesus Cristo.

2.3 Fé

A fé é a certeza das coisas que não se veem, mas das que se esperam, é fundamental para se receber a salvação da alma. Deve-se entender que a fé e o arrependimento caminham juntos para o recebimento deste dom de Deus. Como disse João Calvino, “quando John Smith atravessa uma porta, quem vai primeiro, John ou Smith?”.⁶⁰ Baseando-se na comparação de João Calvino, nota-se que a fé e o arrependimento é nome e sobrenome que nomeia um dos ingredientes da receita de Deus para a salvação.

2.4 Justificação

“Ato, pelo qual o homem, passando do pecado ao estado de graça se torna digno da vida eterna”.⁶¹ A Reforma protestante restituiu à igreja cristã esta verdade, sendo fundamental para a provisão de Deus para a salvação. Paulo escreveu aos romanos dizendo: “o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitado para a nossa justificação” (Rm 4.25). Jesus ressuscitou para que a humanidade, ao crer nele, pode ser justificada de seus pecados.

2.5 Regeneração

É restabelecer o que estava destruído, ofuscado. A imagem e semelhança de Deus à qual o ser humano foi criado e ficou ofuscada. Mas, ao entrar debaixo da direção de Cristo, há regeneração, voltando a ser a imagem e semelhança de Deus, tendo seu Espírito Santo dado vida ao espírito do homem e da mulher. Para a sociedade, ao pessoa que muda sua vida e passa por uma regeneração é discriminada. Para Deus é diferente, ele regenera e a aceita como filha, herdeira com os mesmos direitos de qualquer outra filha. Para Paul Tillich, é a descrição dos processos psicológicos e espirituais. Então ele diz:

⁶⁰ DUFFIELD, Guy P. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Quadrangular, 1991. p. 293.

⁶¹ BOYER, O. S. *Pequena enciclopédia bíblica*. 24. ed. São Paulo: Vida, 1996. p. 369.

Neste ponto, porém, o que está em consideração não é a reação humana, mas o aspecto objetivo, a relação do Novo Ser para com aqueles que são tomados por ele. A esta relação poderíamos descrever como o poder Divino que se apodera do ser humano e o atrai para dentro de si mesmo, produzindo o estado que Paulo chama de “estar em Cristo”.⁶²

2.6 Adoção

É uma doutrina que deve ser enfatizada, pois tem a demonstração do amor de Deus para com o homem e a mulher que recebe Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Seu significado é: nomear como filho. Quando alguém adota uma criança, recebe-a tão bem a ponto de colocar seu sobrenome na criança, tomando-a como se fosse seu filho de sangue e lhe dá todo carinho e amor. A decisão inicial parte dos pais adotivos em ir ao local onde ela se encontra, escolhê-la para a adoção. Depois, o juiz pergunta para aquela criança caso ela seja de uma idade de entendimento se ela quer que aquele homem e aquela mulher sejam os seus pais. Deus tomou a decisão inicial em amar a humanidade e adotá-la. Porém, cabe agora a cada um dizer sim para este convite. Quando alguém é adotado por Deus, passa a carregar consigo o nome de Deus, passa ser um pequeno Cristo, um cristão, porque agora está debaixo de sua cobertura.

2.7 Santificação

A santificação está ligada à vida diária do cristão, devendo ser uma prática constante de cada um diante do Senhor. “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Existem dois sentidos da santificação, um sentido primário e um sentido secundário. O sentido primário é a dedicação, consagração ou separação para algum uso específico e santo. Os primogênitos de Israel foram santificados a Deus: “santifica-me todo primogênito, todo o que abrir a madre de sua mãe entre os filhos de Israel, assim de homens como de animais; porque meu é” (Êx 13.2). O secundário é a limpeza e expurgo da corrupção moral. Neste caso, não é somente a separação de algo para Deus, mas a continuação de estar separado, e santificando para Deus, excluindo-se cada dia da imoralidade e do que desagrada a Deus. Além do espiritual, pode-se notar algo terapêutico.

⁶² TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 461.

2.8 Certeza

Quando alguém está noivo, tem certeza de que foi escolhido, caso contrário não estaria noivo e isto vale para ambas as partes. Esta certeza é amadurecida por causa da comunhão e do relacionamento diário com o noivo ou noiva. No relacionamento cristão, precisa-se ter esta certeza de que fora escolhido, do contrário está faltando a comunhão diária e a revelação da palavra de Deus que confirma este compromisso Dele para com aquele que o busca. “Mas de lá buscarás ao Senhor teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Dt 4.29). Alguém poderá ter esta certeza seguindo a dogmática bíblica. O casal segue orientações morais e éticas, os cristãos têm a dogmática e isso é legítimo, servindo para parâmetros morais, éticos e um viés terapêutico.

2.9 O poder do sangue de Jesus Cristo

“Tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambos os umbrais e na verga da porta, nas casas em que o comerem” (Êx 12.7).

No livro de Êxodo, relata-se a história de Moisés e do povo de Israel que se encontravam escravos de Faraó por mais de quatrocentos anos. E o Senhor disse a Moisés: “ainda uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito; depois, vos deixará ir daqui; e, quando vos deixar ir totalmente, a toda a pressa vos lançará daqui” (Êx 11.1). E foi a décima e derradeira praga do Egito, a morte de todo o primogênito, desde o filho de Faraó até o da família mais simples do Egito. Os primogênitos do povo de Israel foram protegidos através de uma ordem que Deus dera a toda família de Israel para sacrificar um cordeiro de um ano e passar o sangue em ambos os umbrais e na verga da porta de suas casas este sinal daria o livramento da praga para a família que tivesse sua porta marcada com o sangue do cordeiro.

A narrativa deste acontecimento rememora coisas e fatos ocorridos a “1.445 anos antes de Cristo”,⁶³ mas o fato de cingir os umbrais das portas das casas com sangue do cordeiro já era uma representação do que iria acontecer para proteção daqueles que estão cobertos pelo sangue de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

⁶³ BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Tradução João Ferreira de Almeida. rev. atual. e corr. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 132.

A salvação do homem e da mulher só é possível através da fé e confissão do nome de Jesus Cristo, o filho de Deus dado para todo aquele que nele crê e confessa o seu nome: “porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10.9).

Através do sangue de Cristo, pode ter vida eterna. O ser humano é escravo de si, de seus próprios desejos carnis e com isso sofre, a ponto de não conseguir desfrutar das delícias que Deus presenteou a humanidade, sua Palavra: “quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.54). Para Rubem Alves, o sangue se transforma em palavras:

Quem come o pão e bebe o vinho come a carne e bebe o sangue. Eucaristia é antropofagia. A essa magia os teólogos medievais davam o nome de transubstanciação: uma substância se transforma em outra. Nietzsche e Guimarães Rosa falam sobre uma alquimia parecida em que o sangue é transformado em palavra. Quem lê bebe o sangue de quem escreveu.⁶⁴

Ao ler as Palavras de Cristo, estamos comendo do seu corpo e bebendo do seu sangue, fazendo parte dEle. Além de termos a proteção de Cristo através de seu Sangue, podemos comer e beber de seus pensamentos e doutrinas.

2.10 Nascendo da água e do Espírito

Depois que Jesus transformou a água em vinho na festa de casamento, veio um homem chamado Nicodemos que era um dos principais dos judeus dizendo saber que Jesus era mestre vindo de Deus e que ninguém poderia fazer aquele sinal miraculoso que Jesus teria feito naquela noite. Mas Jesus disse: “em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). Jesus didaticamente ensinava Nicodemos acerca da vida eterna e de seu propósito em realizar o desejo do Pai de salvar a humanidade. Nicodemos ficou confuso quando ouviu de Jesus que era necessário nascer de novo e o interrogou dizendo: “como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” (Jo 3.4). Na verdade, Jesus não estava dizendo que o ser humano deveria nascer novamente em sua forma carnal, mas sim espiritual. Quando Deus fez o se humano, fez como sua imagem e semelhança; ao

⁶⁴ ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer*. São Paulo: Planeta, 2011. p. 39.

pecar, esta imagem e semelhança de Deus com o ser humano foi ofuscadas. Este é o plano de Deus, salvar o ser humano através de Jesus Cristo, realizando o milagre de nascer da água e do espírito. “Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3.5). Para participar do Reino de Deus, é necessário passar pela transformação, pelo milagre de Deus. Assim como Cristo transformou a água em vinho, pode também transformar a vida de um pecador e cobri-lo com seu sangue para protegê-lo da morte eterna e fazer com que este pecador possa ter vida. Este é um exemplo do poder terapêutico da fé expressa na dogmática bíblica: ela cura, transforma e educa. A Bíblia é suave e amorosa em suas propostas. O cuidado de Jesus não é no sentido de revelar o pecado oculto; não, muito pelo contrário: seu alvo é revelar o afeto que estava oculto – a capacidade de amar, a sede de ser amado.⁶⁵ Em Romanos, o apóstolo Paulo fala sobre o amor de Deus através do homem e da mulher como herdeiros, filhos que o passam chamar de Aba, Pai.

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai! O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados (Rm 8.14-17).

O texto da carta de João relata outro aspecto interessante e confortante ao coração do crente: “porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são penosos; porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.3-4). A fé em Cristo vem para confortar e não para trazer medo, terror e escravidão.

É notória a participação terapêutica nos textos sagrados. Em Romanos, o apóstolo Paulo fala que o cristão não recebe um espírito de escravidão para temer. Ao contrário, o movimento da batalha espiritual transfere uma escravidão. Como a proposta deste trabalho está relacionada ao movimento da batalha espiritual, nota-se que sua dogmática não contribui tanto para uma terapia ou aconselhamento. Neste sentido, deve-se fazer a investigação das contribuições litúrgicas e doutrinárias que determinada religião, denominação ou movimento possa ter.

⁶⁵ BÍBLIA de Estudo Conselheira, 2011, p. 142.

2.11 Proposta de nova vida em Cristo

Quando Jesus chamou os discípulos, chamou-os para uma vida diferente. Assim é a proposta da Bíblia para os que seguem a Cristo; vivem uma nova vida, diferente das demais pessoas.

Viver uma nova vida em Jesus é aprender a perdoar, é viver uma vida de santificação, uma vida separada para Cristo e nisto é que se nota a diferença do mundo, um caminho diferente e muitas vezes oposto ao que é pregado pelo mundo. Jesus, ao ensinar a oração do Pai Nosso, diz:

Portanto, orai vós deste modo: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal. Porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre, Amém (Mt 6.9).

Nota-se nesta oração que ele diz “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores”. Seria muita insensatez fazer esta oração se não vivê-la como foi ensinado por Cristo. É necessário perdoar uns aos outros. Diz a palavra de Deus: “segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem” (Hb 12.14).

Ter o perdão de Cristo também é santificação, também é terapia. “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós” (Mt 6.14). É necessário perdoar uns aos outros e o perdão deve ser dirigido a todos que o aborrecem e quantas vezes se fizerem necessárias. “Então Pedro, aproximando-se dele, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete” (Mt 18.21-22).

Quando Pedro — um homem que conhecia por experiência própria o valor do perdão — escreveu sua primeira epístola, resumiu o perdão da seguinte maneira: “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados” (1Pe 4.8). Outra maneira de expressar essa verdade se encontra no “capítulo do amor” — 1Co 13. Ao descrever a maior virtude, Paulo afirma que o amor “não se exaspera” (1Co 13.5). Essa frase curta merece uma investigação mais profunda. Em *The Message*, Eugene Peterson sugere a seguinte tradução: “O amor... não fica

na marcação do pecado alheio. Isso porque o amor tem péssima memória. Ele encontra uma forma de esquecer os pecados alheios”. Por fim, a maior declaração e a mais profunda sobre esse assunto na Bíblia toda, o exemplo mais excelente, puro e elevado de perdão, vem do próprio Jesus. Quando estava padecendo na cruz, condenado à morte por homens perversos que tramaram seu assassinato e usaram falsas testemunhas para declará-lo culpado, ao olhar para a multidão reunida a seu redor, que clamava e aplaudia seu sofrimento, Jesus, o Filho de Deus, aquele que não conheceu pecado algum, o único homem verdadeiramente inocente a viver neste mundo amaldiçoado pelo pecado, proferiu palavras que ainda ecoam através dos séculos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).⁶⁶

Deve-se perdoar sempre; e quando há o perdão há cura da alma, pois quem não perdoa contamina o coração e, possivelmente, a saúde física será afetada pela amargura e ódio. Freud vai afirmar que os ritos de confissão poupam muitos homens de uma neurose de angústia de culpa.⁶⁷ Já o escritor de Hebreus relata dizendo que ninguém deve se privar da graça de Deus, pois é possível também contaminar a outros. O ódio por si só é uma doença que não provém de Deus, pois Deus é amor. “Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor” (1Jo 4.8). O ódio e a amargura são doenças que podem ser curada pelo amor. Quando a amargura toma conta do coração de alguém, ela pode destruir a saúde emocional, saúde física e relacionamentos porque é uma doença destrutiva a quem a possui e aos outros. Quem conhece a Deus conhece o amor, este perdoa e vive uma vida de santificação.

O amor incondicional dá-se na interceptação do rosto de Deus, que injeta eternidade em nosso tempo, plenitude à nossa alma, vigor a nosso corpo e claridade à nossa mente. Tal como aconteceu aos discípulos de Emaús (Lc 24.13-35), o amor incondicional perpassa-nos quando nos damos conta de que Cristo habita em nosso meio, quando percebemos que a batida não se refere apenas ao nosso coração, mas que é parte de um ritmo harmônico do Espírito.⁶⁸

Deus quer que seu exemplo seja seguido, perdoando incondicionalmente, mesmo antes de alguém pedir pelo perdão. Pode-se notar a vida de José do Egito que, de forma magnífica, perdoou seus irmãos antes mesmo deles o terem pedido.

Assim direis a José: Perdoa a transgressão de teus irmãos, e o seu pecado, porque te fizeram mal. Agora, pois, rogamos-te que perdoes a transgressão

⁶⁶ PRITCHARD, 2006, p. 29.

⁶⁷ FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de S. Freud*. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 186.

⁶⁸ WONDRACEK, Karin; HERNÁNDEZ, Carlos. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 40.

dos servos do Deus de teu pai. E José chorou quando eles lhe falavam. Depois vieram também seus irmãos, prostraram-se diante dele e disseram: Eis que nós somos teus servos. Respondeu-lhes José: Não temais; acaso estou eu em lugar de Deus? (Gn 50.17-19).

Os irmãos o venderam como escravo e anos mais tarde José os abençoou livrando-os da fome. José reconhecia que era seu dever como homem de Deus perdoar seus irmãos. Isso possibilitou a ele uma vida saudável e abençoada.

2.12 Aplicação dos princípios cristãos no aconselhamento

Os princípios cristãos, a partir da visão de Deus para a humanidade, devem ser utilizados de várias formas, inclusive para o aconselhamento. É importante que os princípios bíblicos possam ser bem interpretados e contextualizados. Daniel Schipani é um bom exemplo a ser seguido. Ele traz esta visão do aconselhamento pastoral bem contextualizada. Em seu livro, *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*, faz uma reflexão desta prática.⁶⁹

Para participar da práxis de Deus, é necessário considerar as contribuições e limites potenciais do aconselhamento pastoral. Aos olhos de Deus, baseado no Novo Testamento, a vontade dEle é a igreja unificada. Na perspectiva de Schipani, a igreja está aberta à intervenção de Deus para contribuir com a melhora do mundo. Nas experiências práticas, teóricas e empíricas, deve-se procurar respostas de forma objetiva e criativa. Schipani destaca dois problemas: o primeiro é a sensação de incompetência, incapacidade dos conselheiros; e a segunda é a falta de direção e coerência para o cuidado pastoral. O pressuposto é que a predominância contínua no aconselhamento pastoral tenha sido o fator principal dos dois problemas. Predominância é o paradigma clínico e existencialista-antropológico; e o modelo psicoterapêutico é a predominância contínua no aconselhamento segundo Schipani. O problema do paradigma clínico é o preconceito dos aconselhantes em estar participando de algo como à psicoterapia.

O paradigma clínico tem uma dependência excessiva de teorias psicológicas individualistas, com teologias e filosofias baseadas no existencialismo. Em uma visão antropológica, esta visão é rígida. O problema ocorre em não oferecer atenção necessária e envolvimento histórico-cultural no contexto de igreja, onde o cuidado

⁶⁹ SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

pastoral deveria ocorrer. A tese de Schipani é que o aconselhamento pastoral precisa sofrer uma reconsideração da perspectiva teológica, ou melhor, dizendo a partir dela possivelmente porque o mundo está mudando a cultura, a economia globalizada e as formas de como as famílias estão processando estas mudanças.⁷⁰

No Antigo Testamento, encontram-se fontes de sabedoria. É de suma importância que teólogos possam observar a sapiência dos escritos sagrados e fazer a hermenêutica dos textos como fontes de sabedoria para o aconselhamento. O autor ressalta a importância em reconhecer as contradições e aceitar os paradoxos claramente expressos. Porém, nas entrelinhas, ruminar as fontes de sabedorias que possam ser utilizadas. Jesus e a sabedoria de Deus são relatados pelos evangelhos como um educador que com tamanha sabedoria guia e é guiado pela visão do Reino de Deus. De acordo com alguns teólogos, Jesus foi visto como um sábio profeta judeu. Schipani afirma que Cristo é a chave, tanto em termos interpretativos quanto existenciais, para compreender os dois temas: reino de Deus e sabedoria à luz de Deus.

Afirmo que Jesus é a chave, tanto em termos hermenêuticos quanto existências, para compreender a conexão entre os dois temas bíblicos fundamentais do reino de Deus e da sabedoria à luz de Deus. Jesus comunicou a sabedoria alternativa de Deus com uma ética e uma política de compaixão que refletia especificamente a graça divina.⁷¹

O uso de parábolas, provérbios e a maneira com que Jesus envolvia as pessoas com suas palavras demonstram sua sabedoria e carisma. Contrariando a forma atual da época de Cristo, Ele traz uma sabedoria que transmite carisma e alternativas subversivas. Era uma sabedoria desafiadora, os grandes não compreendiam, mas Cristo foi capaz de envolver as pessoas estando com elas e no mesmo nível delas. Jesus explora o grande potencial das parábolas e do provérbio, de forma ética, pedagógica e com certeza pastoral serve de modelo para o aconselhamento. Ele é a sabedoria de Deus encarnada.

O aconselhamento pastoral como um dos elementos da igreja precisa ser exercido com sabedoria que vem do alto, precisa ser visto em uma visão holística, promovendo o emergir humano à luz de Jesus Cristo. A igreja amadurecida bíblicamente poderá estar capacitada para este emergir. Segundo o que diz as

⁷⁰ SCHIPANI, 2004.

⁷¹ SCHIPANI, 2004.

Escrituras Sagradas, “vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte” (Mt 5.14). A igreja de Cristo deve refletir, iluminar, apaziguar e influenciar, porque é a luz de Cristo para o mundo.

O papel da igreja no aconselhamento chama a atenção de teólogos pastorais para reconhecerem esta força da práxis do reino e da sabedoria de Deus revelada através da igreja. A igreja é a esperança mística para confortar os doentes. Existe uma energia que as pessoas visualizam e isso é um fator relevante no aconselhamento vindo dos sacerdotes representantes eclesiais. Aconselhadores e teólogos pastorais reconhecem que a igreja é chamada a manifestar a presença reveladora e a práxis do reino e da sabedoria de Deus.⁷²

Na visão de que os conselheiros sejam terapeutas para um mundo com melhores expectativas, a igreja deve seguir o caminho com Cristo, sabedoria encarnada para iluminar as pessoas através do aconselhamento. A igreja como uma clínica e os líderes cristãos como terapeutas a serviço do reino de Deus em ajudar as pessoas.

2.13 Na justificação pelo sangue

“Logo muito mais, sendo agora justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.9). A justificação se refere sobre a posição do homem e da mulher em ser declarado justo diante do Senhor e uma resposta quanto à culpa que pode ser carregada pela pessoa que comete o pecado. Uma pessoa vai ao tribunal receber sua sentença que pode ser a condenação. Porém, o cristão tem em Deus sua justificação quanto ao pecado absolvendo-o de sua condenação, a morte eterna. Uma vez justificado, ele torna-se inocente pelo fato de ter Jesus como advogado, que sofreu a culpa do erro no lugar de todo aquele que o aceita, arrependendo de seus pecados e confessando-o diante dEle. O pecador não é justo; porém, quando ele crê no sacrifício de Jesus Cristo em derramar seu sangue inocente na cruz do Calvário, passa a ser uma pessoa justificada.

Uma das idéias centrais da doutrina da justificação de Lutero somente pela fé é que o pecador é incapaz de justificar a si mesmo. É Deus quem toma a

⁷² SCHIPANI, 2004.

iniciativa da justificação, provendo todos os recursos necessários para justificar o pecador.⁷³

Aquele que entende a justificação pelo sangue do Cordeiro não quer jamais se afastar e deve procurar se apresentar a ele diariamente como justo, cumprindo seus mandamentos, obedecendo as suas ordenanças que instruem. Através de sua instrução, protege e justifica com seu sangue. É como um guarda-chuva que serve para proteger uma pessoa do sol ou da chuva. Caso esta pessoa ande na chuva ou no sol com o guarda-chuva fechado, debaixo do braço, ficará totalmente desprotegida. Porém, não significa que não sirva para cobrir alguém do sol e da chuva, mas é necessário que aquele que o tem use-o obedecendo ao manual de instruções de como abri-lo. Desta forma, nunca estará desprotegido e terá sua cobertura para se proteger da luz do sol ou da chuva. Todo aquele que obedece ao manual divino para o ser humano, a palavra de Deus, será protegido pelo sangue do Cordeiro.

Quando se é justificado, está incluso o livramento da ira divina como aceitação por Deus, passando a ter uma posição privilegiada, a ser como alguém que nunca pecou em sua vida. Isso é maravilhoso e demonstra o amor de Deus para com a espécie humana que, além de pagar pelos erros da humanidade, o recebe como se nunca tivesse errado. “Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seu entendimento; acrescenta: E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades” (Hb 10.16-17).

Que é exatamente a justificação? Podemos defini-la da seguinte maneira: Justificação é um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual ele (1) considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós e (2) declara-nos justos à vista dele.⁷⁴

Já foi dito que é necessário ter o conhecimento do que Deus tem para cada um e quais são seus deveres também. Este conhecimento contribui para formação cristã e possibilita atuação terapêutica. Conforto da alma, certeza e convicção de quem é em Cristo. Muitos andam presos em suas vidas por não saberem seus deveres e direitos como filhos de Deus. “Seja-vos, pois notório, varões, que por este

⁷³ MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005. p. 521.

⁷⁴ GRUDEM, 1999, p. 604.

se vos anuncia a remissão dos pecados. E de todas as coisas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés, por ele é justificado todo o que crê” (At 13.38-39). Ninguém é justificado por causa de suas boas ações ou obras, mas porque crê no sangue de Jesus derramado na cruz do Calvário para remissão dos pecados. “Concluimos, pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei” (Rm 3.28).

O ser humano tem uma necessidade muito grande de buscar os meios mais difíceis. Se alguém vende um produto muito bom entende-se que deva ter um preço muito alto. Se caso este mesmo produto tenha um valor inferior do que ele aparentemente valeria, ou quem sabe até mesmo seja gratuito, poucas pessoas acreditarão no valor deste produto. Muitas religiões pagãs têm crescido devido a esta mentalidade de que para se redimir dos pecados deva-se pagar um alto preço. Quando o cristão sem o devido conhecimento da palavra passa a ter este tipo de mentalidade está subestimando o poder do Criador em redimir. Às vezes, fica sendo mais fácil na mente humana ter que fazer algo para poder receber. Em 1907, em *Atos obsessivos e práticas religiosas*, Freud já se detivera no fenômeno religioso associando-o à neurose obsessiva.⁷⁵ Ele vai dizer que a neurose obsessiva é uma religião íntima. Seu cerimonial parece absurdo, enquanto os cerimoniais religiosos parecem cheios de propósito. Ele vai dizer também que tanto o homem de fé quanto o neurótico obsessivo quer ser salvo, e acredita ser grande pecador, acreditando também ser possível resguardar-se de toda e qualquer angústia através do conjunto de atos que se impõe por dever. Ou seja, acredita que a salvação vem pelos seus próprios atos e práticas religiosas.

A proposta dogmática das Sagradas Escrituras difere desta crença: pois ela vem para cuidar, trazer alívio através da justificação pelo sangue do Senhor Jesus Cristo. A Bíblia diz que para se justificar basta crer na palavra de Deus e obedecê-la sem precisar de se sacrificar tendo o entendimento de que Ele, Jesus Cristo, já sofreu as nossas transgressões.

“Todavia, foi da vontade do Senhor esmagá-lo, fazendo-o enfermar; quando ele se puser como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias, e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo justo justificará a muitos, e as iniquidades deles levará sobre si (Is 53.10-11).

⁷⁵ DAVID, 2003, p. 36.

2.14 Esquecendo o pecado

“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (1Jo 2.1). Muitas pessoas não conseguem viver uma vida de comunhão com Deus e santificação porque não conseguem se perdoar, não conseguem ficar livres do peso de sua consciência. Estudar melhor a Bíblia para compreender suas promessas do perdão de Deus para a humanidade funcionará também como ferramenta terapêutica na alma.

Entender o amor de Deus faz com que as pessoas se constanjam diante de um fato tão maravilhoso e supremo. Não se deve ficar crucificando por causa do pecado, caso tenha arrependido e confessado a Deus. Se não agir assim, coloca em descrédito as Sagradas Escrituras que prometem o perdão e o sangue de Jesus que purifica de todo pecado, “mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7). Deve ser observada nas escrituras a verdade fundamental para o cristão quanto ao perdão que humanamente falando torna difícil de entender esta graça (*Sola gratia*) e o poder de Deus em perdoar de forma tão graciosa.

“Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.13-14). O apóstolo Paulo é um exemplo a ser seguido. Ele deixou no passado tudo de ruim e tudo de bom que fez. O que já foi feito de mau ou de bom não abona e nem desabona a atitude do presente enquanto estão lavados pelo sangue de Cristo. O terceiro capítulo da carta aos Filipenses relata todas as consideradas vantagens do apóstolo: ter sido circuncidado no oitavo dia, ser da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus. Segundo a lei, também tinha sido fariseu, mas colocou como perda todas estas coisas porque de fato queria prosseguir para alcançar o alvo de sua vida que era o perdão dos seus pecados, o conhecimento da verdade em Jesus Cristo. Ficar preso ao passado atrapalha caminhar para o alvo.

Se pecado é o almejar errado do ser humano e se ele consiste em conduzir a vida segundo a carne, isto é, em viver a partir do criado, do natural-terreno

e passageiro, então o pecado conduz à morte com necessidade implícita: se viverdes segundo a carne, haveis de morrer (Rm 8.13).⁷⁶

Os pecados cometidos no passado fazem o caminho ficar totalmente embaraçado para se ter uma vida de paz e santificação. Ele traz baixa autoestima e impossibilita a pessoa de produzir. Ela fica totalmente estéril, sem motivação para viver, deprimida e sem vontade de vencer. Considerando-se uma pessoa derrotada, fracassada, morta. Seus objetivos são perdidos, suas energias emocionais, sentimentais, clínicas e espirituais são sugadas e pode levar a enfermidades psicossomáticas que culminam na morte. Psicólogos, psicanalistas, neurologistas e psiquiatras são procurados, mas para encontrar uma solução para problemas religiosos é necessário caminhar em direção da fé. O entendimento espiritual é fundamental para quem quer ajudar um religioso. A falta de entendimento espiritual ou de conhecimento quanto à fé pode frustrar um conselheiro; também a falta de conhecimento científico pode ser um problema. É possível unir a psicanálise ao conhecimento teológico-religioso para ajudar as pessoas de fé. Pfister deu grande contribuição neste sentido e para ele era necessário que aproximação entre a psicanálise e a teologia fosse de grande valia para a cura de almas. Na sua época, ele fazia a proposta de reformar o ensino teológico, considerando-o como algo muito teórico-dogmático. Sua proposta era que houvesse aproximação as pessoas que sofrem.⁷⁷

A busca é por uma pesquisa inserida na prática, que inicia na realidade e retorna a ela. “Através da ciência servir à vida, através da vida fornecer tarefas à ciência”, este é o alvo de Pfister. Eis um dos pontos que o aproxima da psicanálise, pois esta, clínica e pesquisa ou benefício e descoberta sobre a verdade são uma e a mesma coisa.⁷⁸

A pesquisa de Karin Wondracek aponta que a proposta de Pfister estava na prática pastoral. Ele via esta prática como ferramenta para ajudar as pessoas e ao mesmo tempo um laboratório de pesquisa que poderia agregar valores para o conhecimento psicanalítico. Inclusive foi proposto a ele que fosse lecionar, mas ele via em sua prática pastoral apenas uma ferramenta para ajudar as pessoas necessitadas e ao mesmo tempo suas experiências poderiam fornecer contribuições

⁷⁶ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do novo testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2008. p. 307.

⁷⁷ WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. *O amor e seus destinos: um estudo de Oskar Pfister como contribuição ao diálogo entre metapsicologia e teologia cristã*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2002. p. 14.

⁷⁸ WONDRAČEK, 2002, p. 15.

para a psicanálise. Ao relatar na *Selbstdarstellung* o convite para ocupar a docência de teologia sistemática e prática, relata que lhe é impossível separar-se do pastorado, pois isto representaria o doce e grave perigo de “ceder à teologia papelista”.⁷⁹

Embora Pfister visse na dogmática de sua época muita teoria e menos prática, a observação para a prática demonstra exatamente o que pode ser proposto através desta pesquisa. A Dogmática além de ter sua contribuição terapêutica a nível teórico é e deve levar as pessoas à prática do amor, perdão, compreensão e demais atividades propostas pelas Sagradas Escrituras.

⁷⁹ WONDRAČEK, 2002, p. 15.

3 A LITURGIA NO PROCESSO DOGMÁTICO

A liturgia com seu âmbito educativo pode ser útil para captar a doutrina cristã e promover refrigério a pessoas aprisionadas pelo movimento da batalha espiritual. Além disso, contribui para formação de caráter do cristão. Cada igreja e religião têm formas diferentes de liturgias. Mas, é possível notar a contribuição educacional em cada uma.

Júlio César Adam, em um texto sobre “Culto e aconselhamento pastoral”, explora uma reflexão histórica sobre a liturgia e educação.⁸⁰ Em um contexto de aconselhamento pastoral, a ligação entre a educação praticada através da liturgia é algo tão antigo que ficou esquecido. Quem as pratica sabe da sua propensão em educar as pessoas biblicamente. No âmbito evangélico, atualmente critica-se muito as liturgias das igrejas históricas. Porém, quando se faz uma leitura como essa, compreende-se todo um fundamento educacional que fazia parte da catequese e do amadurecimento dos novos cristãos daquela época; diferentemente do movimento da batalha espiritual, que na sua liturgia faz constantes menções ao diabo, sempre colocando o medo e o terror nas pessoas, manipulando-as pela palavra negativa para arrebanhar através do sensacionalismo.

O autor faz uma pergunta que serve como reflexão: é possível unir liturgia e educação em um processo de formação integral da fé?⁸¹ Se for analisado no aspecto do movimento da batalha espiritual, uma vez que o movimento em sua liturgia trabalha a desconstrução emocional das pessoas através de teorias anti-bíblicas, a resposta seria não! No entanto, no contexto da dogmática bem interpretada e aplicada em sua liturgia, tal como na fé reformada, não só seria possível no processo de formação integral da fé, como também contendo o processo terapêutico e no aconselhamento coletivo.

De acordo com a história de Cirilo de Jerusalém, na catequese batismal as pessoas eram educadas religiosamente e moralmente. Embora caso a pessoa posteriormente não seguisse a religião, teria com ela princípios morais que lhe seriam úteis para toda a vida. Através da mistagogia, o candidato era desafiado a descobrir os mistérios da religião em que pretendia seguir. Ele aprendia passo a

⁸⁰ ADAM, Júlio César. Culto e aconselhamento Pastoral. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 23, p. 1-14, ago. 2007.

⁸¹ ADAM, 2007, p. 3.

passo para o amadurecimento da sua fé. Talvez seja essa uma das explicações que demonstram a firmeza dos cristãos naquela época ao enfrentar seus desafios.

Por outro lado, surge a seguinte pergunta: será que hoje a mistagogia e as catequeses são relevantes em uma época tão explorada pela informação e conhecimento? Será que as pessoas hoje querem mais do que uma ritualística da fé? Embora muitos filósofos acreditassem na falência da religião para o presente momento, nota-se, guardadas as devidas proporções, que ela continua mais firme do que nunca. A própria Igreja Católica, precursora da liturgia exemplificada no texto, hoje tem ganhado mais frequentadores com uma liturgia diferente do que esta. Embora haja concordância com o texto de que a liturgia contribui com a educação religiosa das pessoas, é relevante a preocupação de uma renovação na liturgia, pois esta liturgia ortodoxa, embora ainda prevaleça nos tempos atuais, precisa ser contextualizada.

O propósito da liturgia ortodoxa, especificamente a catequese batismal de Cirilo de Jerusalém, funcionava para além da mística, como uma ferramenta educadora. É possível que a parte mística tivesse contribuição terapêutica naquele tempo, em que o conhecimento sobre Deus e o mundo não era tão desenvolvido e sofisticado como atualmente. Porém, hoje que há grande necessidade da igreja ser relevante na educação, fazendo-se necessário que as igrejas desenvolvam mais sua maneira de educar coletivamente como no caso da liturgia ortodoxa. A educação deve servir primeiramente como prevenção. Se os líderes religiosos entendem que o aconselhamento pastoral deve servir antes de mais nada como prevenção, a sua atuação na remediação será minimizada. Na Reforma protestante, era tangível a preocupação dos reformadores quanto a educação. Dando sequência ao viés religioso da qual ela advinha, a Reforma tinha a preocupação de ter uma escola ao lado de cada igreja. A preocupação com a educação estava além da liturgia.

A IPB sempre teve como parte importante de sua missão, criar Escolas nas dependências dos templos, ao lado deles ou mesmo em espaços próprios, dando continuidade à herança recebida dos Reformadores. Ao lado de cada Igreja devia-se fundar uma Escola. Os primeiros Missionários ao chegarem ao Brasil, na segunda metade do Século XIX, fundaram diversas Escolas, algumas permanecem até hoje, como é caso do Mackenzie e do Gammon.⁸²

⁸² Disponível em: <<http://www.anep-ipb.org.br/historico.asp>>. Acesso em: 22 maio 2011.

Em contrapartida, Freud tinha outra visão quanto ao futuro da educação. Em *O futuro da religião*, Karin Wondracek comenta que Freud sonhava com uma educação sem religiosidade.⁸³ Segundo Wondracek, Freud acreditava que a religiosidade funcionaria como obstrução ao pensamento e, portanto, à educação. Nota-se na leitura do texto a preocupação da psicanálise, quanto à religiosidade em um papel destrutivo. Em certo sentido, há razão para esta preocupação, tendo em vista religiosidades como a do movimento da batalha espiritual, que realmente é destrutivo.

Um problema bastante colocado em *O futuro da religião* foi a questão da religião se opondo quase sempre à razão. Segundo o psicanalista Abrão Slavutzky,⁸⁴ já não se é obrigado a pensar a religião como algo que exclua a ciência. Hoje é notada a importância da religião. Os estudiosos estão reconhecendo isso, a religião é um fenômeno.

Em meio a tanto fundamentalismo das religiões islâmicas e também algumas cristãs, é de muita valia uma teologia do amor sem fronteiras e sem acepções. Embora ainda existam pessoas matando em nome de Deus, outras estão excluindo por não ser da mesma denominação cristã ou por não fazer parte da moda atual de algum movimento evangélico, como é o caso do movimento da batalha espiritual que discrimina quem não faz parte deles ou no meio de alguns evangélicos, quem é católico, mulçumano ou espírita é visto praticamente como um leproso. Tratando-se do movimento da batalha espiritual, há um fechamento para a manifestação de Cristo em outros grupos; só eles estão certos e somente eles são os portadores do conhecimento espiritual.

No início dos anos 2000, muitas igrejas evangélicas aderiram aos encontros, que é outro movimento, o qual tem grande influência no mundo evangélico juntamente com a batalha espiritual. Este movimento funciona da seguinte forma: é um retiro espiritual feito em três dias, começando na sexta e indo até o domingo; as pessoas ficam em jejum, oração e palestra sem poder conversar com ninguém e com um tipo de liturgia bastante catártica. Antes do encontro a pessoa precisa passar pelo pré-encontro. No pré-encontro, é feito um dia de estudo, para se

⁸³ MUELLER, Enio; SLAVUTZKY, Abrão; WONDRACEK, Karin. O futuro da religião: um amigável debate entre psicanálise e teologia. In: WONDRACEK, K. (Org.). *O futuro e a ilusão*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 245-262.

⁸⁴ MUELLER; SLAVUTZKY; WONDRACEK, 2003.

preparar para o ambiente do encontro a que será submetido durante três dias de oração, jejum e estudo da palavra. Nem todos os encontros são iguais. Cada líder de encontro tem formas diferenciadas de realizar a liturgia. A maioria trabalha bastante o sensacionalismo, muita repetição, músicas de fundo com letras voltadas para o assunto ministrado. Existe um momento que o participante é levado para um local onde há uma cruz fincada no chão e ali depois de mais alguns minutos de explicação sobre o motivo daquela cruz o participante é conduzido por fila para chegar diante daquela cruz e colocar seus pecados por escrito nela. Após todos terem colocado seus pecados por escrito na cruz, ela é queimada. Todos os momentos são conduzidos por canções, palavras e orações.

Quem naquela época não fazia o encontro era taxado como quem ainda não tinha conhecido a Deus. Não importava há quanto tempo a pessoa tinha se convertido ou o tipo de caráter cristão que ela levava. Agora, para ver Deus face a face era necessário fazer o encontro. Porque “o encontro é tremendo, somente agora foi possível conhecer a Deus”. Assim diziam os participantes dos encontros, os chamados encontreiros. A moda ainda continua, também tem suas contribuições, mas estão menos preconceituosos os que dela participam e ministram.

A liturgia pentecostal aparece também neste cenário social, político e religioso e toma proporções gigantescas no crescimento deste movimento. Tendo esta preocupação, faz-se relevante pensar a liturgia contemporânea como processo de educação. Este público que adere com muita facilidade às liturgias carismáticas precisa ser educado e aconselhado. Buscar meios com que a liturgia atual em que se tem mais público possa ter o viés que as liturgias históricas tinham, será de grande contribuição eclesial e social.

3.1 A liturgia no processo de cura d'almas

A liturgia tem seu papel terapêutico. As pessoas depois de um dia de correria e aflições procura as celebrações para ouvirem mensagens de paz e conforto da alma. A liturgia, desde a ortodoxa como as carismáticas podem proporcionar este alívio. Em, *El culto terapêutico el culto y sus posibilidades terapêuticas*, Oscar von Hof faz uma reflexão sobre os rituais de curas, unção com

óleo, imposição de mãos, perdão e memorial de Cristo.⁸⁵ Sobre os rituais de curas o autor diz que desde o início a comunidade cristã incorporou em sua vida cultural estas práticas. Baseando-se nas Escrituras, os cristãos proferem a cura d'almas como também a salvação como cura para o ser humano.

“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, unguendo-o com azeite em nome do Senhor, e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará, e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados” (Tg 5.14). A unção com óleo é uma prática muito usada entre os movimentos pentecostais. Oscar von Hof mostra que a igreja aplica esta prática para ritos de curas emocionais e físicas.

Este ritual tiene implícita la confesión y el perdón de los pecados, que objetiva la cura y la salvación de la comunidad, ya que el pecado no es un cuestión moral y personal sino una cuestión ritual y pública. Este rito tiene un carácter terapéutico al mirar al ser humano en su totalidad relacionando la cura física con la espiritual ya que la confesión de pecados, la oración de unos por los otros, la fe, la salvación y la cura están teológicamente relacionados.⁸⁶

Já para Aldo Natale Ternin, a função terapêutica da salvação na experiência da igreja é trabalhada de forma ampla. Em seus escritos sobre liturgia e terapia, ele desenvolve a questão de que se vive em um mundo atacado por muitas doenças e é preciso que a igreja pense sobre seus erros no passado e descubra meios mais eficazes para exercer a função terapêutica.⁸⁷ Então, é focado em três perspectivas: as curas carismáticas, o desenvolvimento do contexto litúrgico no qual foi progressivamente inserido o processo da cura e a compreensão teológica que a igreja teve desta sua específica função terapêutica.

As curas carismáticas que já existiam desde os tempos neotestamentários ainda continuam nos tempos de hoje. A contribuição é latente, salvo quando em alguns momentos usado de charlatanismo ludibriando pessoas de boa fé. Mas, o carisma principalmente no Brasil é uma boa experiência, contribui para o bem-estar da comunidade e transfere uma visão de evangelização. Muitas pessoas ao buscarem na liturgia carismática suas curas, além de serem beneficiadas acabam

⁸⁵ HOF, Waldemar Oscar Von. *Culto terapéutico: el culto y sus posibilidades terapéuticas*. São Leopoldo: EST, 2005. p. 12.

⁸⁶ HOF, 2005, p. 13.

⁸⁷ TERNIN, Aldo Natale. *Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 101.

levando suas famílias, amigos, parentes, colegas de escola ou trabalho e daí sucessivamente.

Na perspectiva do desenvolvimento do contexto litúrgico, no qual foi progressivamente inserido o processo da cura, é trazido um equilíbrio quando a compreensão teológica é amadurecida. Ternin expressa que *“no judaísmo, o óleo era usado para curar as feridas. Não se exclui que o óleo assume também um valor simbólico”*.⁸⁸ A unção com óleo fazia parte da perspectiva carismática no âmbito da cura como também no contexto litúrgico. Como as ciências médicas desenvolveram, as pessoas recorrem aos recursos medicinais. A unção com óleo já não tem este papel terapêutico como nos tempos mais antigos do judaísmo. De qualquer forma, este é um assunto importante para entender o processo da unção com óleo nas igrejas neste tempo. Embora a medicina tenha avançado e as pessoas procurem recursos avançados da medicina, a igreja permanece nesta prática como forma litúrgica e espiritual. Em alguns casos, a unção passa ter um peso dogmático. De qualquer forma, mesmo estando no contexto dogmático, ainda sim continua tendo o foco terapêutico. De acordo com estudos, já nos tempos neotestamentários, e até mesmo nos tempos anteriores, os judeus já usavam do óleo como prática de cura: *“No judaísmo, o óleo era usado para curar as feridas [...]. Para o Novo Testamento, cf. Lc 10.34 e Tg 5.15. Não se exclui que o óleo assuma também um valor simbólico”*.⁸⁹

Para os judeus, a fé religiosa era concêntrica em sua cultura. Já hoje em dia divide-se religião, política e até mesmo cultura, uma vez que determinadas igrejas formam para si outra cultura.

É preciso entender a importância que têm os símbolos para as pessoas, como também saber como transitar nestes recursos religiosos idealizados pelos leigos. Embora os símbolos transitem no imaginário do ser humano de forma geral, os religiosos não ficam de fora e talvez sejam os que mais necessitem deste imaginário. O Ministério de Educação, através do presidente do Conselho Nacional de Educação, professor Paulo Logman, na audiência pública das faculdades teológicas realizada no dia 22 de novembro 2010, fez um lindo relato quanto à importância da teologia e do teólogo no Brasil. A audiência começou com a leitura

⁸⁸ TERNIN, 1998, p. 109.

⁸⁹ TERNIN, 1998, p. 109.

da carta de Darcy Ribeiro. Nesta carta, Darcy faz apologia ao curso de teologia no Brasil para que fosse regulamentado pelo Ministério da Educação. Tanto Darcy Ribeiro através desta carta escrita na década de 1990 quanto os demais que lideravam a audiência, demonstraram a importância deste curso e de seus educadores. Eles entendem que o teólogo é uma pessoa que está diretamente com o povo. Seja ele pastor ou padre, está próximo às comunidades, aconselhando, educando e influenciando. Naquele dia, deram o nome desta prática de teologia pública. O teólogo é alguém que está perto no dia a dia do público influenciando através da teologia, da forma como ver o mundo, a si próprio e as pessoas. O seu público se espelha em seu líder. O amadurecimento teológico contribui para que estes educadores teólogos possam exercer este papel com competência e seriedade. Através do amadurecimento teológico, quem participa terá condições de contextualizar as práticas bíblicas para os dias atuais.

É notório como o carisma da igreja neotestamentária ficou enraizado no inconsciente humano. Hoje continua existindo a carência destes carismas. Na verdade, vive-se nestes tempos de aflições uma grande necessidade terapêutica. A igreja aberta para os carismas atende a estas necessidades. A necessidade é grande e diferente das necessidades de antes. Hoje o ser humano está envolvido cada vez mais com o capitalismo, tecnologia, violência e tantas outras anomalias que o carisma atuante na igreja pode oferecer momentos de conforto espiritual. Tanto é que diversas igrejas neopentecostais estão explorando estas demandas. Fazem culto do amor, culto do empresário, culto do desempregado e tantos outros cultos temáticos para suprir esta necessidade.

A atuação da igreja nos cultos de cura d'amas tem sido respeitada por estudiosos e profissionais da saúde. Da parte das ciências médicas, não existe qualquer preconceito, nem espírito de concorrência. Inúmeras comunidades carismáticas trabalham em conjunto com grupos médicos no serviço terapêutico. Exemplo dado, comunidade de St. Luc de Cordes (França).⁹⁰ Este não é o único exemplo, existem vários.

Terini fala também sobre a unção pré-batizmal com óleo dos catecúmenos que acompanha a oração de exorcismo, na qual se pede a libertação do poder das trevas. Também o valor terapêutico do óleo administrado quase simultaneamente

⁹⁰ TERNI, 1998, p. 145.

com as palavras. As pessoas são ministradas através da oração, leitura dos textos sagrados onde é afirmada sobre cura e além da imposição de mãos a unção com óleo.⁹¹ O Conselho Mundial das Igrejas que analisando a atividade das comunidades em favor dos doentes, apontou para a necessidade de elas se transformarem em comunidades terapêuticas.⁹² Hoje, embora na maior parte já estejam atuando como comunidades terapêuticas, mesmo assim esta visão ainda precisa ser amadurecida entre as igrejas devido à falta de conhecimento. Como diz um curto aforismo de Guimarães Rosa, “o que um dia vou saber, não sabendo, eu já sabia”.⁹³ As igrejas fazem este trabalho, mas é possível que a maioria não tenha ideia da importância terapêutica existente em suas práticas espirituais através deste trabalho. Provavelmente, um dia receberão instruções literárias do que já estão fazendo, e entenderão de fato do serviço prestado a sociedade como instrumentos de Deus na terra.

O texto bíblico diz: “está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores” (Tg 5.13). Nas celebrações as orações como também as canções fazem parte da maioria das liturgias. Seja ela ortodoxa ou carismática. Quando se trata da liturgia carismática pentecostal, é notória o fervor onde as pessoas levantam as mãos, cantam fazendo gestos, batem palmas, pulam e alguns indo ao ponto de cair no chão. Ao sair da celebração estas pessoas saem libertas e abençoadas. A educação religiosa seja ela através da catequese, liturgia ortodoxa ou carismática condiciona no caráter de seus seguidores. Elas irão receber o alívio de acordo com o que aprenderam e da forma que foram condicionadas a receberem as bênçãos do Criador.

Sobre a imposição de mãos, Hof aborda como transmissão de poder, utilizada em ordenações, mas, além de tudo, ele fala dela como gesto terapêutico. Nos cultos pentecostais, usada como transmissão da unção do Espírito Santo, o ministrador ao colocar as mãos está transmitindo a unção para curar, para ser batizado com o Espírito Santo e consagração de ministros da Palavra. De acordo com Hof a imposição de mãos é uma prática usada também pelos antigos celtas.⁹⁴ Hoje é usada em alguns cultos como pequenas cerimônias de milagres e curas. Os

⁹¹ TERNIN, 1998, p. 148.

⁹² TERNIN, 1998, p. 152.

⁹³ ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 146.

⁹⁴ HOF,

doentes são chamados para receberem as imposições de mãos dos pastores e ali começa a celebração de cura de forma que muitos saem curados de suas enfermidades físicas e psicossomáticas. A liturgia do culto, da celebração ou missa pode propiciar este momento de cura da alma. As canções, a pregação e outros momentos da liturgia colaboram para que o ambiente emocional e espiritual esteja propício para as manifestações emocionais e espirituais que propicia os fenômenos. Um olhar maduro e ponderado poderá ver a grande contribuição social, cultural e educacional que a igreja fornece para a sociedade. O assunto pode tomar proporções maiores no que se diz respeito também a mudanças no comportamento de casais, jovens e crianças.

Hof vai tratar também de uma terminologia chamada mementos. Este é outro assunto também abordado que tem uma grande importância para a igreja. Trata-se dos momentos de orações eucarísticas. Afirma ter um potencial terapêutico para as pessoas enlutadas. Motivando e promovendo a resiliência das pessoas. Os momentos de lutos são muito difíceis, imagine pessoas que passam por estes momentos sem o apoio de amigos. Já este é um momento que a igreja evangélica não trabalha com tanto êxito em sua liturgia. Na Igreja Católica, existe a Missa do Sétimo Dia. Depois de sete dias, o enlutado comparece na igreja junto com os familiares e amigos para rezar pelo morto. Deixando de lado as diferenças teológicas implicadas para o contexto evangélico, é interessante imaginar a contribuição terapêutica dada às famílias enlutadas num encontro posterior ao falecimento. Ali encontram com amigos, parentes. É um momento de catarse, as pessoas se emocionam chorando, os amigos e parentes comparecem para dar outro abraço, para dizer que sentem muito pelo que aconteceu. Isso embora já tenha sido feito no dia do enterro, agora nesta missa é o momento de começar o processo de cicatrização da ferida causada pela perda.

Nas igrejas evangélicas, embora não haja na sua liturgia ou doutrina um culto para os mortos, é de prática a visita dos irmãos de fé para aqueles que estão enlutados. Este é um assunto bem relevante para os evangélicos. Faz-se necessário pensar em algo que possa suprir esta brecha. Momentos dedicados para os enlutados, momentos que os irmãos de fé possam juntos compartilhar daquela tristeza e demonstrar amor e carinho por eles. A igreja poderá ficar mais preparada para estes ocorridos.

3.2 A Igreja como comunidade terapêutica

Para melhor compreensão, deve-se começar definindo o significado da palavra comunidade. Segundo o dicionário, comunidade é: “1. qualidade daquilo que é comum. 2. Agremiação. 3. Comuna. 4. Sociedade. 5. Identidade. 6. Paridade. 7. Conformidade. 8. Lugar onde vivem indivíduos agremiados”.⁹⁵

Do ponto de vista da sociologia, uma comunidade é um conjunto de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, sob o mesmo governo ou compartilham do mesmo legado cultural e histórico. Os estudantes que vivem no mesmo dormitório podem formar uma comunidade, assim como as pessoas que vivem no mesmo bairro, aldeia ou cidade. Fichter, em suas definições para uso didático ressalta que uma palavra que é rodeada de significados múltiplos, requer uma cuidadosa definição técnica, ao que propõe: comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns.⁹⁶

Em um segundo momento, busca-se entendimento da palavra terapêutica. A palavra terapia, advinda do grego significa, "servir a deus" (θεραπεία) ou terapêutica significa o tratamento para uma determinada doença pela medicina tradicional, ou através de terapias complementares ou alternativas. Pesquisando o texto sagrado, no livro de 1Tm 2.10 a passagem: *ἀλλ' ὁ πρέπει γυναῖξιν ἐπαγγελλομέναις θεοσέβειαν, δι' ἔργων ἀγαθῶν*. Em português, significa: “*mas (como convém a mulheres que fazem profissão de **servir a Deus**) com boas obras*” (grifo meu). Pesquisando historicamente para ver se neste versículo as mulheres tinham alguma função relacionada com o serviço terapêutico, nada foi encontrado a não ser a confirmação do termo também na Bíblia.

Pensando na comunidade como um conjunto de pessoas que se organiza sob o mesmo conjunto de normas, depois pensando a terapia com o significado de servir a Deus e também tratamento de doença, surgem algumas perguntas para reflexão: a igreja pode exercer o papel de uma comunidade terapêutica para curar as pessoas? Pode dar crescimento e proporcionar vida em abundância para as famílias e para a sociedade sendo uma comunidade que ajuda mutuamente? Pode-se pensar no conjunto de pessoas que querem servir a Deus para um bem comum de todos integrantes? Na direção destas perguntas, elaborara-se esta participação

⁹⁵ DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

⁹⁶ COMUNIDADE. In: *Wikipedia Brasil*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

textual neste trabalho na tentativa de iniciar um esclarecimento quanto ao significado e conceito da Comunidade Terapêutica. Embora, existam comunidades terapêuticas voltadas para tratar de dependentes químicos. Aqui a proposta é voltada para a igreja como comunidade terapêutica através do dogmatismo, liturgias e aconselhamentos de modo geral. A igreja tem este potencial, de reunir pessoas com diversos problemas e podendo ajudá-las desde o gabinete pastoral até a liturgia de suas celebrações.

Vendo a igreja como comunidade terapêutica no contexto eclesial a partir da igreja local e/ou institucional, Sergio Ulloa Castellanos faz uma relação entre o corpo e o que Jesus propõe para seus discípulos como igreja na terra com uma missão de restauração. Ele diz: “o ser humano exerce sua vitalidade na integração de todo o seu ser, em harmonia e não em contradição, desequilíbrio e oposição entre o que o coração pensa, o que a boca fala, o que as mãos fazem, o que os olhos olham, a direção dos pés, o que os ouvidos ouvem”.⁹⁷ É importante a relação do corpo humano e a proposta de Cristo com a igreja como seu corpo. O Corpo de Cristo é formado por cada pessoa, a fim de operar em harmonia para trabalhar com a finalidade de realizar na terra a vontade de Deus. Castellanos usa também a seguinte frase: “sua prática pastoral (simbolizada com a prática do corpo) quer edificar uma ‘comunidade sanadora’”.⁹⁸ A igreja de Cristo existe a partir do desejo de Deus em restaurar e sarar o ser humano.

⁹⁷ CASTELLANOS, Sergio Ulloa. A igreja como comunidade de saúde integral. In: SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar C. (Orgs.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Leopoldo: Cetela; São Paulo: ASTE, 2008. p. 104.

⁹⁸ CASTELLANOS, 2008, p. 104.

CONCLUSÃO

A igreja do terceiro milênio passa por desafios. Desafios sempre estiveram presentes no caminho da igreja. Porém, os atuais estão surgindo de forma mais acelerada. O processo de informação tecnológica, a globalização e os meios de comunicação midiáticos difundem diversas vertentes da informação trazendo esclarecimentos e ao mesmo tempo confusão à mente das pessoas. Nem todo mundo está preparado para discernir o que é saudável. A igreja está vivendo processos deste tipo, muita informação e pouco conhecimento. E em alguns casos o conhecimento fica estático não difundindo a sabedoria e com isso tornando penoso o trabalho pastoral. Como diz Schipani, reposicionar o aconselhamento pastoral como sabedoria à luz de Deus significa afirmar que Cristo ocupa o centro dessa prática do cuidado pastoral.⁹⁹ No entanto, as invenções tomam conta do imaginário das pessoas. A expansão midiática e a força do misticismo cultural brasileiro contribuem para que as invenções se difundam cada vez mais trazendo dificuldades para o aconselhamento maduro e embasado na sabedoria das Escrituras.

Os neopentecostais e pentecostais clássicos precisam de mais conhecimento e sabedoria para não cair no engodo de pregadores que querem aproveitar do emocionalismo da congregação em promoção própria. Os líderes precisam ser mais preparados para transmitir os símbolos religiosos. Fazerem deles utilidades para o desenvolvimento cultural das pessoas. Sempre existirão os mais simples. Porém, eles devem ser socorridos nas suas aflições, não usurpados e ludibriados. Os inventores de doutrinas e práticas espirituais não enganam somente pessoas simples. Pessoas aparentemente mais desenvolvidas também são alvos destes inventores. O que é necessário mesmo é o esclarecimento teológico, a educação religiosa. A proposta é voltar às origens da teologia reformada, mantendo os seus quatro pontos cardeais, desenvolvendo uma liturgia contextualizada com cada região, praticando a unção com óleo, a oração pelos enfermos e a prática da oração libertadora. Isso não entraria em discordância com a teologia reformada, visto que a unção com óleo, a oração pelos enfermos e a oração libertadora não são anti-Bíblicas, podendo assim usar de forma equilibrada para alcançar a necessidade contextual dos brasileiros e ganhar espaço em defesa contra os inventores que estão ludibriando pessoas.

⁹⁹ SCHIPANI, 2004, p. 81.

Entender o comportamento humano é outra questão que precisa ser discutida, analisada, estudada e inserida na prática pastoral e teológica. Ambas podem contribuir para o melhoramento social. Conhecer a Deus e conhecer as pessoas, criaturas de Deus. Estudando os dogmas da fé, também se alcança compreensão a respeito do ser humano.

O líder ou a líder espiritual exerce uma influência muito grande em seus liderados. Seus liderados o têm como exemplo de pai ou mãe, patrão ou patroa, pastor ou pastora e daí sucessivamente. A igreja prossegue em reproduzir figuras da liderança. O mal ou o bem que a igreja exerce nestes tempos são frutos de lideranças passadas. Os antigos líderes prepararam os atuais, e hoje se tem uma igreja que é o fruto do passado. O desafio do amadurecimento intelectual é muito grande.

Estudando o movimento da batalha espiritual e sua origem em um ambiente de medo e temor, vê-se que os problemas atuais advindos de suas afirmações podem exercer uma influência negativa durante anos. Tudo que hoje se estuda e se vive através dos ensinamentos do movimento já está sendo repassado para gerações futuras. Muitos já ensinam seus filhos dentro desta dogmática do medo e do terror, muitas congregações se mantêm nesse ambiente. A saúde emocional das pessoas fica comprometida, com baixa autoestima, as pessoas ficam viciadas, sempre dependentes de afirmações ou de práticas religiosas inventadas pelo movimento. Tem que destruir fotos, roupas de alguma marca, tem que mapear para combater o demônio de tal região e tantas outras invenções que as pessoas acabam ficando escravas e amedrontadas.

A partir do estudo dos seus autores, pode-se dizer que o movimento da batalha espiritual não contribui para a edificação e reunificação da pessoa ou grupo. Este movimento mais destrói do que constrói. Mas, a Bíblia, a igreja e suas atividades litúrgicas e dogmáticas podem sim continuar contribuindo de forma maravilhosa, desde que amparadas na contextualização. Em toda história, houve cristãos que mataram em nome de Deus, que fizeram coisas horríveis em nome da Bíblia. É como uma faca que pode ser usada para cozinhar e fazer comida gostosa e saborosa, mas, ao mesmo tempo a mesma faca pode ser usada para matar e machucar as pessoas. Neste aspecto, a Bíblia em mãos erradas pode causar conflitos, discórdias a ponto de matar e destruir.

Além dos problemas individuais que se enfrenta normalmente, hoje em dia vivem-se também problemas coletivos mais abrangentes, como os problemas climáticos, epidêmicos, éticos, problemas de violências e outros. A igreja não pode ficar à margem da sociedade, ela precisa avançar estar na frente, guiar e orientar. Enquanto em tempos passados como no de Galileu, era mais fácil a igreja manipular porque as pessoas não tinham acesso ao conhecimento, a igreja falava o que queria e as pessoas tinham que submeter. Hoje é diferente, as pessoas estão sendo informadas. Até um menino de favela já tem acesso à internet; a informação está cada vez mais abrangente.

Porém, nem todas as pessoas estão preparadas para administrar as informações. A informação não é o mesmo que conhecimento. Às vezes, as pessoas pegam uma informação e dão sequência na vida baseado nela. A igreja, a liderança e os cristãos devem exercer um papel educacional, instruir as pessoas a viverem nestes tempos difíceis e desafiadores. No seu papel terapêutico, fazê-lo com decência e ordem, tanto na liturgia como na dogmática. A igreja como comunidade terapêutica. Assistindo a sociedade na prevenção e na remediação. A igreja educando: “instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele” (Pv 22.6). A igreja curando: “curai os enfermos que nela houver, e dizer-lhes: É chegado a vós o reino de Deus” (Lc 10.9).

Em um contexto em que os brasileiros e brasileiras são descendentes de um imaginário de escravidão, advindo do politeísmo, é possível que o inconsciente contribua para este tipo de crença e submissão? Sim, as pessoas se tornam reféns deste imaginário, daí vem o papel educativo e terapêutico da igreja. Este é um dos motivos da cura de almas. As pessoas podem ser conscientizadas dos efeitos do inconsciente, para se libertarem dos efeitos adversos para poderem viver melhor em todos os contextos religiosos, sociais e culturais.

A igreja tem consigo uma oportunidade em influenciar positivamente nas famílias, nas comunidades e na nação. A igreja na sua maior parte consegue reunir pessoas de diversos níveis sociais em um mesmo lugar, para ouvirem a Palavra de Deus e se comungarem. Os chamados pré-encontros, encontros e reencontros que são promovidos pelos neopentecostais e pentecostais clássicos merecem uma atenção dos estudiosos, a fim de contribuir para um julgamento equilibrado, pois não

se deve desprezar algumas atividades por não concordar ou achar que está errado, por não fazer parte do paradigma já existente ou acostumado.

O envolvimento intelectual com equilíbrio e maturidade pode ser útil para adequações e preparação dos líderes destes encontros, pois muitos deles estão envolvidos com o movimento da batalha espiritual, e tendem a repetir o modelo aterrorizante que foi analisado no início. Neste caso, a atividade do encontro vai além do que ensina a dogmática cristã, e passa a ter aquelas conotações relatadas no início desta pesquisa. Conotações de medo, terror e manipulação. Como no imaginário popular já existe de forma inconsciente a escravidão e a submissão, a igreja, ao invés de libertar as pessoas, através do movimento da batalha espiritual, apenas muda as pessoas de um aprisionamento imaginário para outro. Com o esclarecimento e o ensino da dogmática cristã, espera-se corrigir e libertar as pessoas deste cativeiro popular e histórico.

Teólogos, pastores e líderes cristãos de forma geral têm muito com que contribuir. A necessidade do Sagrado é notória e cada vez mais forte em nossa nação. O que não pode acontecer é deixar este rebanho nas mãos de lobos. Temos um manual, a Bíblia Sagrada. Interpretada, contextualizada e praticada Ela continuará reformando pessoas, casamentos, famílias, igrejas, políticas, nações e sociedade.

Espera-se com essa pesquisa contribuir para o desenvolvimento intelectual, trazendo equilíbrio e sentido Bíblico para a igreja contemporânea, no sentido de se tornar comunidade terapêutica. A igreja, entendendo seu papel como corpo saudável para proporcionar saúde para as pessoas, trabalha no viés de uma comunidade terapêutica ou cria caminhos para que esta proposta flua do meio dela através dos variados dons distribuídos por Deus.

A igreja deve elaborar sua atividade a partir das necessidades de seus freqüentadores e do meio em que ela convive. Nesta visão, ela poderá criar meios e ferramentas que poderão ser úteis para o empoderamento e resiliência das pessoas. Este é um papel que parte da liderança, a fim de transmitir esta visão da missão do evangelho de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Culto e aconselhamento Pastoral. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 23, p. 1-14, ago. 2007.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 1988.

_____. Theologando Internacional. Palestra o discurso teológico e a cultura contemporânea. São Paulo, 25 out. 2007.

_____. *Variações sobre o prazer*. São Paulo: Planeta, 2011.

BÍBLIA de Estudo Conselheira. São Paulo: SBB, 2011.

BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco: contrabando de espírito nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, p. 21-39, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOYER, O. S. *Pequena enciclopédia bíblica*. 24. ed. São Paulo: Vida, 1996.

BROWN, Rebecca. *Ele veio para libertar os cativos*. Belo Horizonte: WW, 1996.

_____. *Prepare-se para a Guerra*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1998.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do novo testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CASTELLANOS, Sergio Ulloa. A igreja como comunidade de saúde integral. In: SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar C. (Orgs.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Leopoldo: Cetela; São Paulo: ASTE, 2008.

COMUNIDADE. In: *Wikipedia Brasil*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

DAVID, Sérgio Nazar. *Freud & a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

Disponível em: <http://www.agapereconciliacao.com.br/v3/c_intensivo.asp?id=8&expandable=2>. Acesso em: 11 maio 2011.

Disponível em: <<http://www.anep-ipb.org.br/historico.asp>> Acesso em: 22 maio 2011.

Disponível em: <<http://www.comunidadeatosdosapostolos.com.br/site/Conteudo.aspx?id=56>>. Acesso em: 11 maio 2011.

Disponível em: <<http://www.danielmastral.com.br/livros.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FWMG9rINbE>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yVfSrf5Lq4k&feature=related>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4302_2003/et2003-2kwon.pdf>. Acesso em: 08 maio 2011.

DUFFIELD, Guy P. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Quadrangular, 1991.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Educação. In: *Minidicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FISHER, Richard. Citações e referências a documentos eletrônicos disponível em: <<http://www.watchthetower.net/brown.html>>. Acesso em: 08 maio 2011.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de S. Freud*. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e a análise do eu*. São Paulo: Delta, 1959.

FREUD, Anna. *Sigmund Freud com os comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HICKEY, Marilyn. *Quebre a cadeia da maldição hereditária*. Rio de Janeiro: Danprewan, 1993.

HOF, Waldemar Oscar Von. *Culto terapêutico: el culto y sus posibilidades terapêuticas*. São Leopoldo: EST, 2005.

ITIOKA, Neuza. *A igreja e a batalha espiritual: você está em guerra!* São Paulo. Sepal, 1994.

_____. *Os deuses da umbanda o baixo espiritismo: implicações teológicas e pastorais*. São Paulo: ABU, 1988.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005.

MUELLER, Enio; SLAVUTZKY, Abrão; WONDRACEK, Karin. O futuro da religião: um amigável debate entre psicanálise e teologia. In: WONDRACEK, K. (Org.). *O futuro e a ilusão*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Pedro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PERETTI, Frank E. *Este mundo tenebroso*. 2. ed. São Paulo: Vida, 1990.

PRITCHARD, Ray. *O poder terapêutico do perdão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

REBLIN, Iuri A. Poder & intrigas, uma novela teológica: considerações acerca das disputas de poder no campo religioso à luz do pensamento de Pierre Bourdieu e de Rubem Alves. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, ano 6, v. 14, n. 3, p. 14-31, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/014/ano06n3_02.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TERNIN, Aldo Natale. *Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WAGNER, C. Peter. *Espíritos territoriais*. São Paulo: Unilit, 1995.

_____. *Humildade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Danprewan, 2005.

_____. *Os cristãos no ambiente de trabalho*. São Paulo: Vida, 2007.

WALKER, John. *A Igreja do século XX: a história que não foi contada*. Belo Horizonte: Atos, 2002.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Fenômenos sobrenaturais? uma abordagem psicanalítica do demônio*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

_____. *O amor e seus destinos: um estudo de Oskar Pfister como contribuição ao diálogo entre metapsicologia e teologia cristã*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2002.

WONDRACEK, Karin; HERNÁNDEZ, Carlos. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.